

MONASTERY

WASH DC B/B

WASHINGTON

BORGES

NEW YORK

TRINITY COLLEGE

ONTARIO

MONASTERY AUSTRIA

~~BALTIMORE~~ PENNSYLVANIA

DIET

SALT LAKE CITY

PERUVIA

COPENHAGEN

AS BIBLIOTECAS DE MARIA BONOMI



REITOR

Marco Antonio Zago

VICE-REITOR

Vahan Agopyan



PRÓ-REITOR DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Marcelo de Andrade Romero

PRÓ-REITORA ADJUNTA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Ana Cristina Limongi-França



DIRETOR

Carlos Alberto de Moura Ribeiro Zeron

VICE-DIRETOR

Alexandre Macchione Saes

PUBLICAÇÕES BBM

Editor Plinio Martins Filho

Editor assistente Luiz Hideki Sakaguti

APOIO:



Marisa Midori Deaecto

AS BIBLIOTECAS DE MARIA BONOMI

publicações
BBM

AS BIBLIOTECAS DE MARIA BONOMI 7

BIBLIOTHECA MARCIANA, 1564 10

BIBLIOTHECA APOSTOLICA VATICANA, SALLA SISTINA, 1587 12

BIBLIOTHECA AMBROSIANA, 1609 14

BIBLIOTECA JOANINA, 1728 16

STIFTSBIBLIOTHEK MELK, 1732 18

STIFTSBIBLIOTHEK ADMONT, 1776 20

STRAHOVSKÁ KNIHOVNA, 1783-1786 22

TRINITY COLLEGE LIBRARY, LONG ROOM, 1856 24

BRITISH MUSEUM LIBRARY, ROUND READING ROOM, 1857 26

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE, SALLE LABROUSTE, 1865-66 28

GEORGE PEABODY LIBRARY, 1878 30

LIBRARY OF CONGRESS, 1897 32

BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO, 1910 34

NEW YORK PUBLIC LIBRARY, 1911 36

BEINECKE RARE BOOK & MANUSCRIPT LIBRARY, 1963 38

BIBLIOTECA NACIONAL DA DIETA, 1968 40

BIBLIOTECA DE ALEXANDRIA, 2002 42

SALT LAKE CITY PUBLIC LIBRARY, 2003 44

SEATTLE CENTRAL LIBRARY, 2004 46

BIBLIOTECA NACIONAL DA CHINA, 2008 48

STADTBIBLIOTHEK STUTTGART, 2011 50

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN, 2013 52

BIBLIOTECA DE JORGE LUIS BORGES 54

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 57

NAS BIBLIOTECAS DE MARIA BONOMI TODAS AS FORMAS SE MULTIPLICAM AO INFINITO

Atrevo-me a insinuar esta solução do antigo problema:
A Biblioteca é ilimitada e periódica. Se um eterno viajante
a atravessasse em qualquer direção, comprovaria ao fim dos
séculos que os mesmos volumes se repetem na mesma desordem
(que, reiterada, seria uma ordem: a Ordem). Minha solidão
alegra-se com essa elegante esperança.

Jorge Luis Borges

Domos, cúpulas, cimalhas, colunas, janelas, portais, salões, alcovas, desvãos, corredores, galerias, armazéns, subterrâneos, armários, estantes, correntes, pinturas, talhas, pedra, mármore, granito, ferro, espelhos, vidro, aço... as arquiteturas das bibliotecas evocam o que há de mais avançado em termos de construção civil, no presente e no passado. É possível que essa tradição de se reservar aos livros um espaço nobre remonte aos tempos gloriosos da Biblioteca de Alexandria (século III a.C.).

Os cataclismos que atingiram a capital vibrante do Egito, na Antiguidade tardia, reduziram os traços físicos da Biblioteca a imagens fugidias, registradas na literatura. Deve-se a Estrabão (63-20 a.C.) as melhores descrições do sítio e da planta do Museu (*Mouseiôn*, ou templo das musas). Sabemos hoje que a biblioteca não constituía um edifício independente, pois os livros eram depositados em estantes no grande salão do museu, ou nas *bibliothékai*, na acepção original grega. Onde

a confusão metonímica que ativou durante séculos a imaginação das gentes na busca de um palácio dos livros.

Na ausência de uma imagem que tenha fixado o modelo daquele antigo templo dos livros que o homem destruiu, mas que não se apagou da memória das civilizações, toda biblioteca se converteria, por extensão, em uma releitura do museu alexandrino. As primeiras bibliotecas que compõem esse volume testemunham a grandeza dos palácios reservados aos livros na Renascença italiana. Na *richissime* Sala Sistina, da Biblioteca Vaticana, afrescos representativos das principais bibliotecas antigas (Babilônia, Cesareia, Pérgamo, Alexandria...) guardam a memória do mundo, ao lado dos mitos fundadores de uma civilização antiga, que fincara suas raízes no Ocidente, embora tenha sido suplantada pela Igreja cristã.

Essas imagens se multiplicam por séculos a fio e se traduzem, hoje, em uma arquitetura imponente, tecnológica, comandada pelo uso

indiscriminado do concreto, do aço e do vidro. Novas bibliotecas surgem todos os anos, por todas as partes, desafiando as leis do espaço e as tecnologias de informação e comunicação. Alguns edifícios parecem planar sobre as cidades, outros se convertem nas próprias cidades. Uma cidade poderosa, guardiã da memória do mundo e dos reis, seguindo os modelos das bibliotecas principescas e religiosas do Antigo Regime, as quais não demoraram a se converter em instituições nacionais, respondendo às ingerências de um século XIX em plena revolução. E uma cidade inteligente, agregadora, cidadã, seguindo os modelos em evidência nos tempos atuais.

Assim, os registros que compõem esse volume não pretendem esgotar as múltiplas possibilidades de edificação e *décor* das bibliotecas. Os traços de Maria Bonomi são recursos narrativos ou releituras de formas variadas que não se esgotam. Pelo contrário, suas bibliotecas se multiplicam ao infinito.





Em meados do século XV, Veneza atinge seu zênite. No Rialto, mercadores de todo o mundo vibram. Em São Marcos, na igreja e no *palazzo*, o poder pulsa.

Confluem para Veneza artistas de todas as partes da Itália e de diversas escolas estilísticas: Ghiberti, Paolo Ucello, Michelozzo, Alberti, Andrea del Castagno, Donatello... A vida intelectual não será menos vibrante: em 1469, mais de duzentos ateliês de tipografia e gravura foram instalados na cidade. É conhecida a importância de Aldo Manuzio (1449-1515), esse helenista nascido em Bassiano, no Lácio, mas que em 1490 fundou na Sereníssima aquele que seria o principal centro de estudos, edição e difusão de autores clássicos da cultura greco-latina.

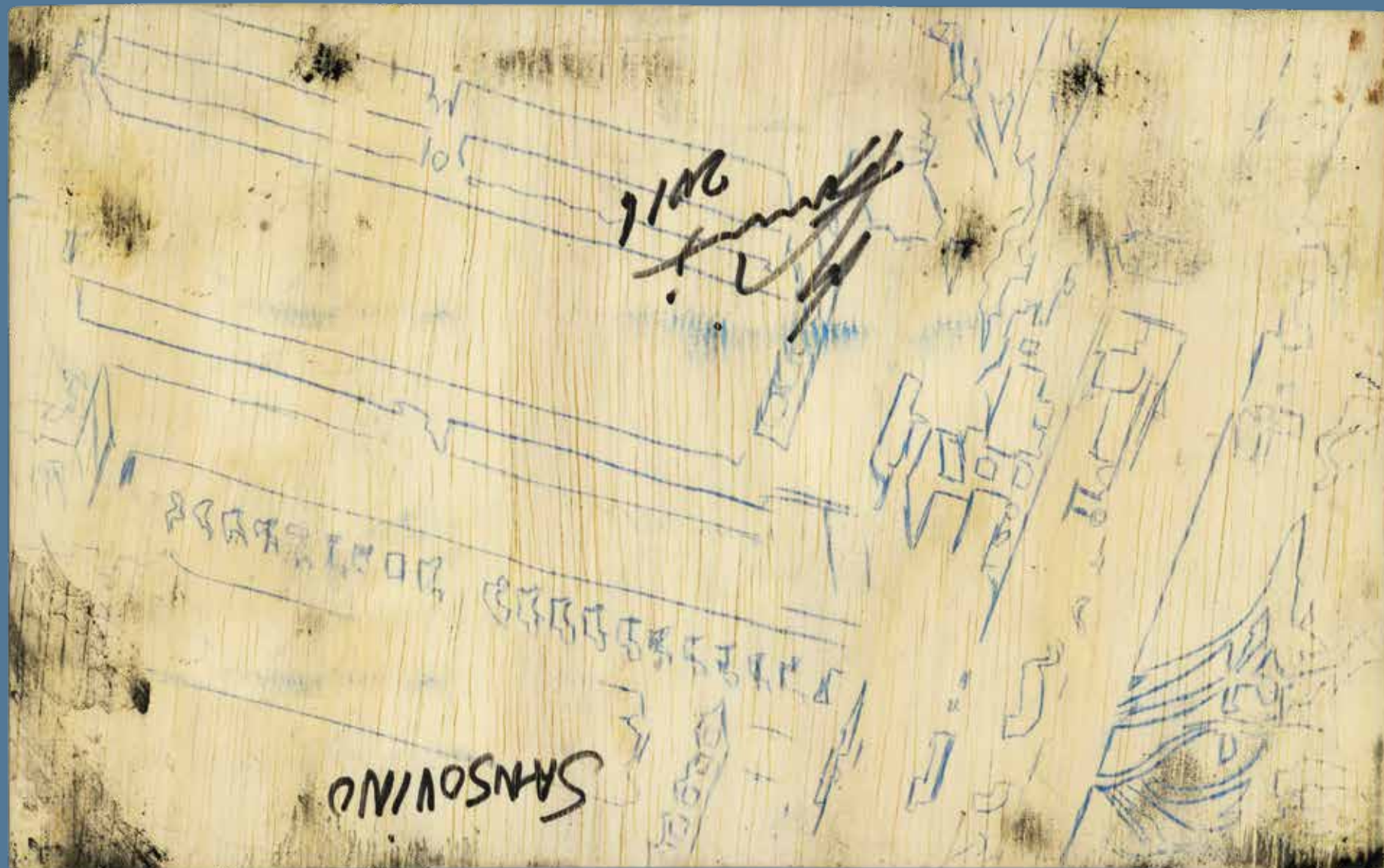
Era mister instalar-se em Veneza uma biblioteca que estivesse à altura de seu esplendor. O fundo inicial foi herdado do cardeal Basilio Bessarion (1403-1472), um renomado helenista de Ravena. Porém, foram necessárias algumas décadas desde seu falecimento para que os livros chegassem ao destino final. Em 1530, o cardeal Pietro Bembo (1470-1574), então diretor da biblioteca, usou de sua influência junto aos procuradores de São Marcos para a construção de um novo edifício. As obras ficaram ao encargo do arquiteto Jacopo Sansovino.

O traço essencial e singular do projeto consistia em criar uma abóboda livre de colunas para o salão dos livros. Mas a primeira tentativa falhou, o teto desabou, custando ao arquiteto sua reputação, um período no cárcere e o atraso da obra. Nova tentativa se fez às custas de Sansovino, que superou os traumas daquele acidente infeliz ao presentear Veneza com um exemplar certamente destinado a deslumbrar o mundo.

A fachada da biblioteca chama a atenção dos arquitetos até nossos dias, dada a precisão com que Sansovino compôs as colunas maiores e menores, harmoniosamente distribuídas nos dois andares do edifício. A entrada se faz por um portal eloquente na arcada de baixo, rente à Piazzetta. No vestibulo que precede a sala de leitura, instalada no primeiro andar, o leitor encontra no teto uma alegoria da Sabedoria, pintada por Ticiano (1490-1576). Esculturas de Grimani (1506-1593) decoram o portal de acesso à grande sala iluminada por janelas que percorrem toda a sua extensão. No forro da abóbada, um grande painel em madeira, com medalhões pintados, torna o ambiente particularmente suntuoso. Concorreram para a decoração do interior da biblioteca os mais renomados artistas da época, entre eles Paolo Veronese (1528-1588).







BIBLIOTHECA APOSTOLICA VATICANA, SALLA SISTINA, 1587

Vaticano, Itália
PROJETO Domenico Fontana (1543-1607)

A Bibliotheca Apostolica Vaticana foi concebida em 1475, sob o pontificado de Sisto IV (1414-1484), com o objetivo de reunir em um único palácio as grandes coleções religiosas dispersas pelo mundo. Mas o projeto toma novos rumos durante o pontificado de Sisto V (1521-1590). O papa é a um só tempo dirigente cioso das questões do espírito e do século. De um lado, ele conduz um programa de reconquista católica contra a rápida expansão da Reforma; de outro, ele não se descuida de demandas internas, sendo a mais importante: modernizar a governança da Igreja. Tudo isso faz de Roma um modelo de racionalidade e de erudição a ser reproduzido por todas as províncias católicas.

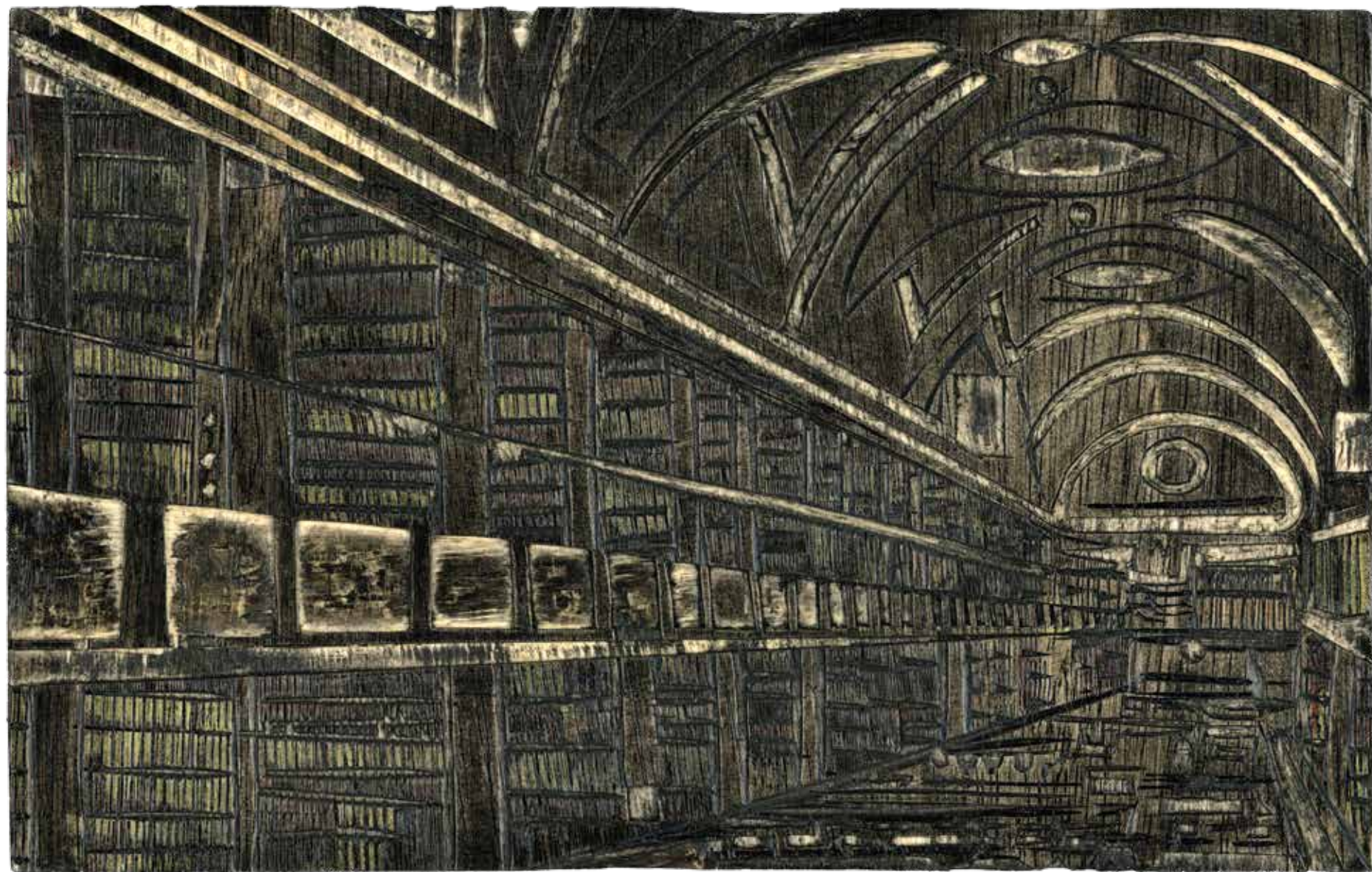
No que toca aos projetos de produção e conservação do conhecimento, realizaram-se duas medidas: o estabelecimento de uma tipografia, pela bula *Immensa aeterni Dei*, de 1587; e a mudança da biblioteca para instalações mais apropriadas, senão, mais imponentes.

Nasce, então, a chamada Sala Sistina, com seus 56 metros de extensão e 17 metros de altura, dividida em duas seções encimadas por ogivas quadripartites, sustentadas por seis colunas medianas. Armários fechados dispostos nas colunas e nas paredes foram instalados para a guarda dos volumes e passaram a compor o *décor* da nova instalação – o que torna a sala muito peculiar, pois os

livros não podem ser vistos. Os afrescos são de autoria de Cesare Nebbia (1536-1622) e Giovanni Guerra (1544-1618), embora vários colaboradores, entre eles, o próprio papa, tenham opinado sobre os temas ali representados. Nas paredes figuram os principais concílios da Igreja (Constantinopla, Éfeso, Niceia...) e as grandes bibliotecas da Antiguidade (Babilônia, Atenas, Alexandria, Cesareia...). Nas quatro faces das seis colunas que suportam as ogivas vemos “os inventores do alfabeto”, seguidos por Adão, “o inventor das letras”, Moisés, com as tábuas das leis, Mercúrio e o obelisco sobre o qual ele desenhou os primeiros hieróglifos, Hércules, na qualidade de Musageta, protetor das Letras e Pitágoras, com o livro da Sabedoria. Jesus Cristo e São Jerônimo se fazem representar ao lado de outros padres da Igreja.

Estimou-se que a Biblioteca se tornaria um padrão a ser adotado no mundo católico, mas seu caráter eminentemente hermético contrariava a tendência de abertura das bibliotecas durante o século XVII. Para o conhecimento do partido arquitetônico e decorativo adotado pela instituição, foi de fundamental importância a descrição minuciosa realizada por Angelo Rocca, em *Bibliotheca Vaticana a Sisto V...*, publicada em 1591, pela Typographia Vaticana.







BIBLIOTHECA AMBROSIANA, 1609

Milão, Itália
PROJETO Lelio Buzzi (1553-1603) e Fabio Mangone (1587-1629)

A Bibliotheca Ambrosiana tem no nome de batismo uma homenagem a Santo Ambrósio, padroeiro de Milão. Foi idealizada pelo cardeal e arcebispo Federico Borromeo (1564-1631), um erudito, amante dos livros, doutor em Direito e Teologia, que fez uso da fortuna e do prestígio da família para adquirir os mais raros livros e manuscritos da Europa e do Mediterrâneo oriental. Dentre as riquezas que logrou conservar em sua instituição, destaca-se a biblioteca de Gian Vincenzo Pinelli (1535-1601), humanista italiano e mentor de Galileu (1564-1642), composta por quinze mil manuscritos e trinta mil volumes impressos.

O edifício foi projetado exclusivamente para servir como biblioteca pública. Tal fato é bastante original, considerando que as instituições privadas e franqueadas aos eruditos, seguindo o modelo de Roma nos tempos do Império, viriam a renascer ainda nesse século.

A fachada da Biblioteca é particularmente austera: adentra-se no edifício por um vestíbulo que conforma um grandioso pórtico destacado do conjunto da sala de leitura, mais volumoso e encimado por um teto campal. Duas escadarias laterais conduzem o passante para o piso superior, que serve como arquivo da instituição, e o inferior, destinado às edições proibidas. A sala de leitura se situa no térreo, uma novidade para a época. Ela apresenta uma sobriedade monumental:

por suas dimensões (25 x 10 metros); por sua forma, a saber, uma abóboda de berço com janelas de acabamento semicircular; pela iluminação fina e às vezes insuficiente, dada a ausência de janelas laterais e, certamente, porque todas as paredes são forradas de livros. Também nesse aspecto a Ambrosiana fez escola: os volumes, organizados por seus respectivos formatos, ocupam estantes divididas em dois pavimentos de 5 e 4 metros de altura. O acesso às estantes do térreo é feito por escadas portáteis e as estantes superiores são cercadas por uma galeria externa que se prolonga por todas as paredes, ligada ao térreo por uma escada circular discretamente instalada no vestíbulo. Assim distribuídos, os livros se tornam o motivo principal do *décor* da sala de leitura, ao contrário do partido proposto pela Sala Sistina, onde os volumes foram confinados dentro dos armários, ou das bibliotecas que a antecederam, nas quais os livros repousavam, acorrentados, nos chamados *bianchi*.

A Ambrosiana ditará o estilo a ser adotado pelas bibliotecas barrocas europeias, de Portugal à Áustria. E, se pensarmos bem, a prática de estruturar a sala de leitura com os livros do acervo se mantém viva até nossos dias, com suas variantes arquitetônicas.







BIBLIOTECA JOANINA, 1728

Coimbra, Portugal
PROJETO atribuído a Gaspar Ferreira e Manuel Moreira

HANC AVGVSTA DEDIT LIBRIS COLLIMBRIA SEDEM,
UT CAPUT EXORNET BIBLIOTECA SVVM.

Esta é a sede que a Augusta Coimbra deu aos livros,
para que a Biblioteca lhe coroe a testa.

[Inscrição sobre o pórtico da Biblioteca Joanina].

Inaugurada como Casa da Livraria da Universidade de Coimbra, o magnífico exemplar do barroco português, erguido sob os auspícios de D. João V (1689-1750), seria rebatizado como Biblioteca Joanina após o falecimento de seu patrono. E se as bibliotecas, tanto quanto os livros, podem traduzir o espírito de uma época, eis um exemplar que bem reflete as glórias do Portugal joanino.

D. João V reinou por 44 anos, ou seja, de 1706 até seu falecimento. Esse período foi marcado pela Guerra de Sucessão da Espanha (1701-1714), a qual selou uma aliança duradoura de Portugal com a Grã-Bretanha, por campanhas diplomáticas faustosas nos reinos europeus e, sem dúvida, pelo luxo que a Coroa ostentou graças ao ouro e às pedras preciosas descobertos em sua mais promissora colônia, o Brasil.

Não espanta, portanto, a riqueza singular dessa Biblioteca.

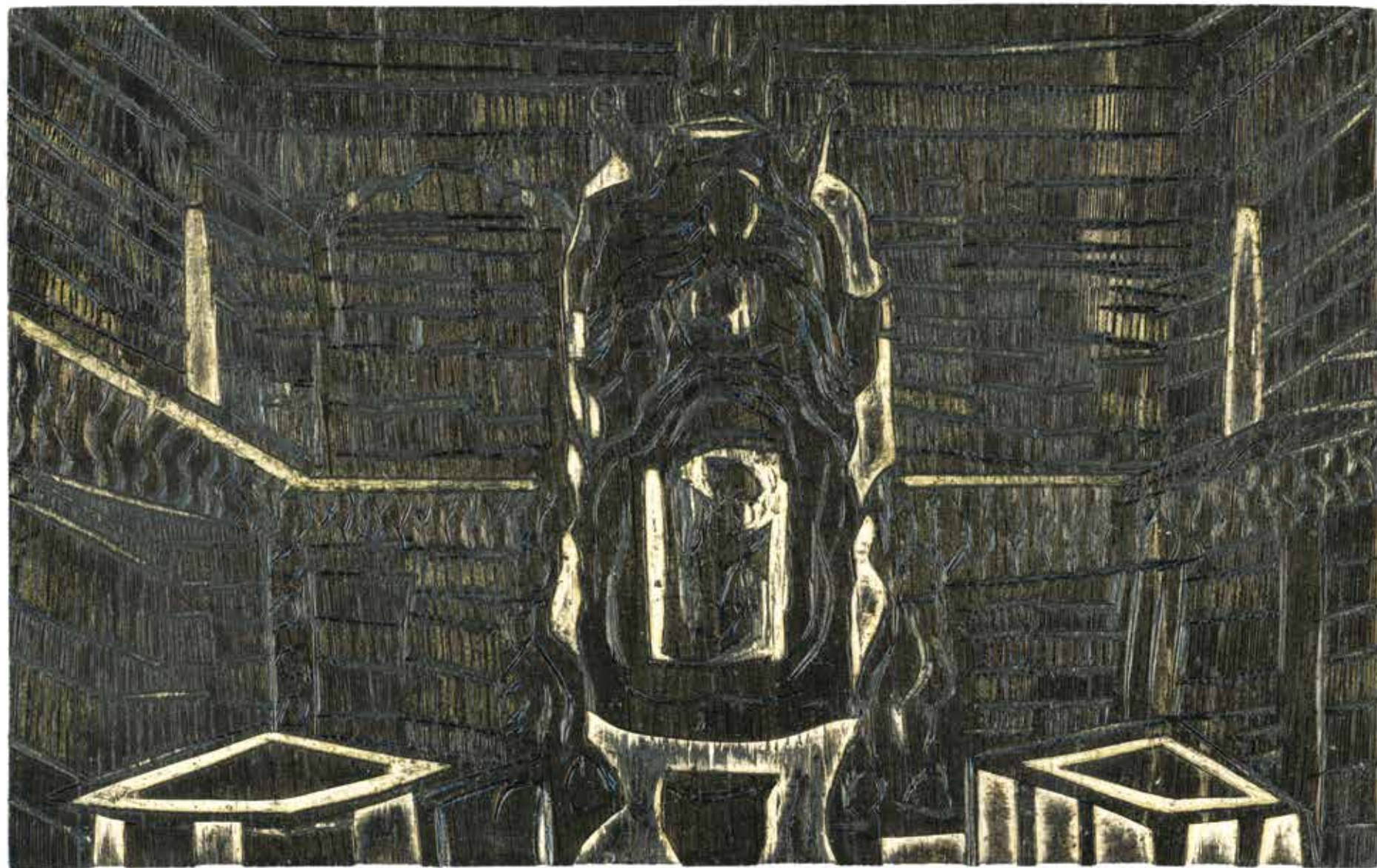
A autoria do projeto ainda é motivo de controvérsias. Embora seja inquestionável o fato de Gaspar Ferreira e Manuel Moreira terem assinado um primeiro esboço arquitetônico, alguns pesquisadores atribuem a Claude de Laprade (1682-1738) não apenas os traços do pórtico monumental, mas também as linhas do prédio.

Erguida na encosta de um morro, sobre a antiga Cadeia do Paço, no pátio da Universidade, para além da muralha mourisca, a construção foi estruturada em três pavimentos: no subsolo, manteve-se a cadeia; no piso intermediário, instalaram-se estantes e mesas que serviram como apoio para a livraria; esta, por sua vez, assentou-se no piso térreo, em três grandes salas.

As salas de leitura se dispõem em perspetiva, culminando no retrato de D. João V, do mestre italiano Giorgio Domenico Duprà (1689-1770). Muitos artistas e artífices de renome participaram da consecução do *décor* da Biblioteca Joanina: António Simões Ribeiro (?-1755) e Vicente Nunes assinam as pinturas e a douração dos tetos, para as quais foi empregada a técnica *trompe-l'œil*; o artista Manuel Nunes ornou as estantes com suas *chinoiseries*; Francesco Realdino, italiano estabelecido em Lisboa, realizou as seis mesas de leitura que compõem hoje verdadeiras obras-primas da marcenaria setecentista.

Findo o trabalho, a Biblioteca Joanina inaugurava com glórias e pompas o século de reformas profundas do programa de sua tradicional Universidade, cimentando, desse modo, as bases do Iluminismo português.





BIBLIOTECA GERAL
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A Hofbibliothek, de Viena e a Biblioteca Joanina, de Coimbra, compõem os principais expoentes de bibliotecas barrocas. A primeira, é verdade, representa a própria síntese da vida cortesã e da pujança de um Império no seu ponto máximo de expansão territorial e política. Enquanto a segunda se adequa bem à vida universitária coimbrã, donde sua importância para o desenvolvimento das artes e das ciências em um ambiente provinciano, apartado da Corte, mas nem por isso de somenos importância do ponto de vista político e intelectual.

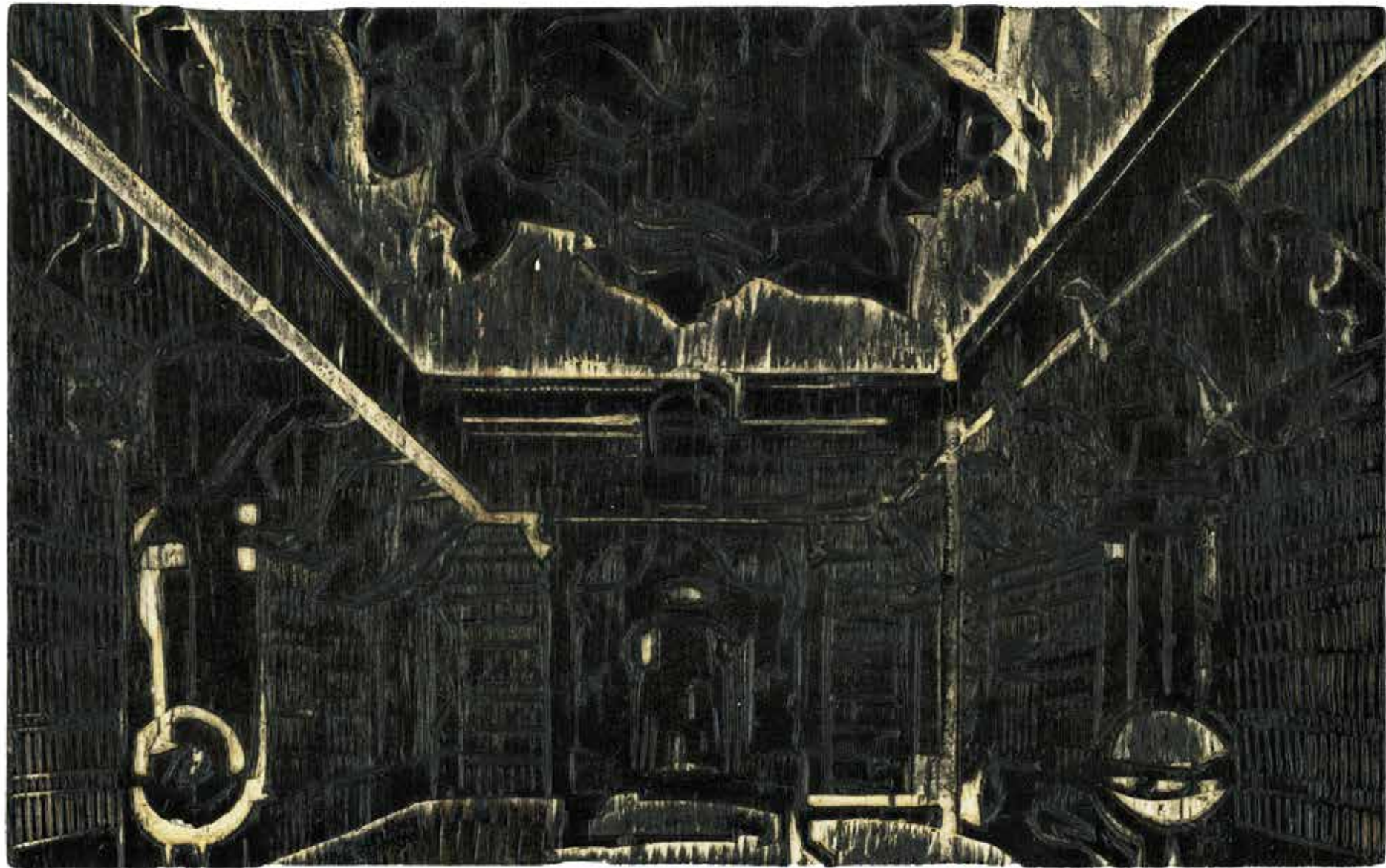
A Abadia de Melk, remodelada no século XVIII, corrobora a tese segundo a qual o poder de alguns príncipes e senhores locais subsistiu ao domínio dos grandes Estados, em particular, dos Habsburgos, na ampla geografia do Império. Noutros termos, cidades medianas ou mesmo cidadelas buscaram concorrer, por meio de seu prestígio e pompa, com a faustosa vida cortesã das capitais.

Melk se formou como um castelo fortificado às margens do Danúbio. Em 1089 a propriedade foi doada aos monges beneditinos de Lambach, que fizeram da Abadia um centro intelectual importante. No final do século XIV ela conhecerá um longo período de ostracismo. O renascimento se daria numa nova conjuntura, particularmente favorável à aproximação da Igreja com as

Repúblicas das Letras. Berthold Dietmayr (1670-1739), abade de Melk, enquandra-se bem nessa plêiade de doutores da Igreja profundamente comprometidos com a vida universitária e política da Corte. Ele mesmo se formara na Universidade de Viena, onde doutorou-se em Teologia e exerceu o cargo de reitor. Era tanto o seu prestígio, que logo se tornaria confessor do Kaiser. Tudo isso nos permite compreender os recursos e as inspirações que fizeram da Abadia de Melk uma das joias do barroco germânico.

A biblioteca tem lugar de destaque no complexo arquitetônico do Mosteiro. Ela compõe com a igreja e a *Festsaal* – um salão para a recepção de dignitários – um conjunto harmonioso e simétrico, na borda do promontório, acompanhando a curva do Danúbio. O interior é solene: um salão de 20 metros de comprimento, por 9 metros de largura e 9 metros de altura, com as paredes forradas de estantes de madeira talhada e ornada com folhas de ouro. As estantes se distribuem em dois pavimentos, sendo o superior servido por uma galeria. Salas de estudos secretas foram inseridas atrás das estantes centrais, cujo acesso é feito pelo deslocamento das mesmas. Afrescos de Paul Troger (1698-1762) completam o décor. No teto, a Sabedoria reina com toda a sua majestuosidade.







Fundada em 1074, pelo arcebispo Gebhard de Salzbouurg (1010-1088), a Abadia de Admont se situa no centro da Áustria, na região dos Alpes. Instalou-se, ali, um importante centro intelectual, com seu *scriptorium* e sua biblioteca. *Ora, labora et lege*, princípios fundadores da ordem beneditina, foram seguidos à risca pelos monges copistas dos montes de Styrie.

A livraria monástica seria desde então enriquecida com donativos e aquisições. Também a sala de livros conheceu diferentes construções que buscavam ajustar o espaço dos livros e da leitura ao próprio desenvolvimento da coleção, a qual atinge seu ponto mais alto em meados do século XVIII, com seus 95 mil volumes. De fato, as bibliotecas barrocas e rococós atingem seu zênite na virada do séculos XVII para o XVIII, quando elas se afirmam como símbolo de poder do Estado e da Igreja.

A relação entre poder político e vida intelectual se traduz no partido decorativo seguido pelos artistas nas bibliotecas do período. Superando o conflito multissecular entre a fé e a razão, esses centros intelectuais parecem propor, sob o influxo da *Äufklärung*, o casamento da virtude com o conhecimento (*Hochzeit von Tugend un Wissen*), tal como vemos na alegoria pintada por Bartholomeo

Altomonte (1694-1783), no domo da sala de leitura do Mosteiro Augustiniano de St. Florian, na Áustria. Lembremos, igualmente, os afrescos de Paul Troger (1698-1762), para a biblioteca de Melk, evocada anteriormente, em cujo domo a Sabedoria reina com toda a sua majestuosidade. *Sapientia aedificatit sibi domum* (Salomão, Provérbio 9: 1) figura, entre outros muitos exemplares, na sala teológica do Mosteiro de Strahov, pintada nesse mesmo período.

O artista de St. Florian, Bartholomeo Altomonte, encarregou-se também da decoração de Admont, o que lhe permitiu retomar a temática da Sabedoria sob outro prisma, a saber, o da comunhão das Sagradas Escrituras, do Antigo e do Novo Testamentos, nas figuras de Moisés e da Eclésia (Igreja). Completam o *décor* as molduras arquitetônicas de Johann Georg Dallicher e as estátuas de madeira pintadas em cor de bronze por Josef Thaddäus Stammel (1695-1765).

Para harmonizar a decoração da sala com os livros, o abade mandou encaderná-los todos em couro de porco branco. O que se tem, ao final, é uma belíssima composição em branco, dourado e bronze, que são as cores predominantes das estantes e das galerias superiores, em contraste com o piso (com efeito tridimensional). No domo central e nas cúpulas predomina o azul celestial.







STRAHOVSKÁ KNIHOVNA, 1783-1786

Praga, República Tcheca
PROJETO Jan Ignác Palliardi (1737-1824)

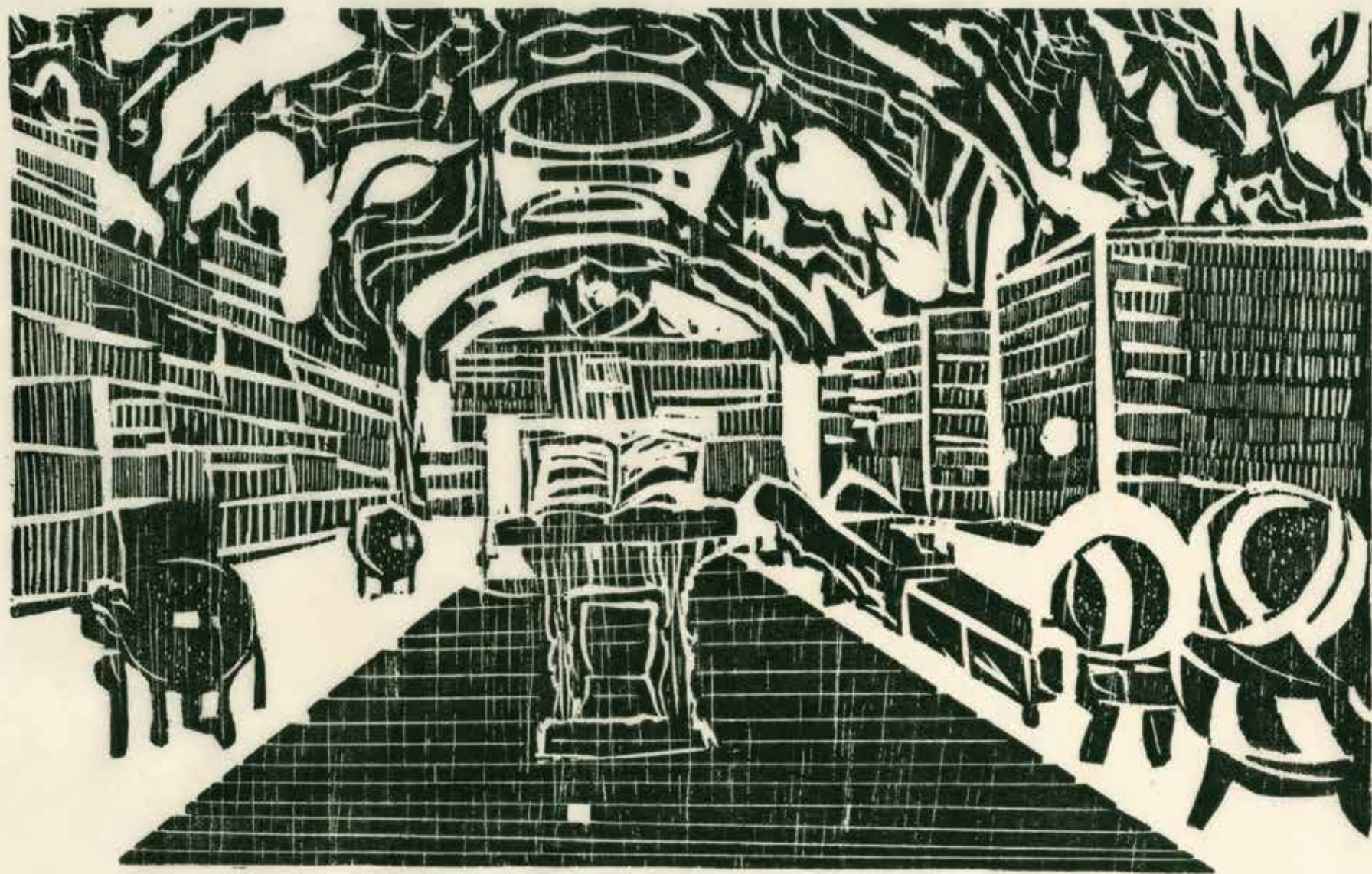
Strahov é um distrito da cidade de Praga situado no topo de uma colina, para além da catedral e do castelo fortificado. As linhas que conformam o Mosteiro de Strahov, com destaque para as torres de sua basílica, desenham o céu da belíssima capital da Boêmia para os observadores que a vislumbram da cidade velha, a partir da Ponte Carlos (Karlův most), sobre o rio Moldava (Vltava).

Foi exatamente nesse sítio que se instalaram, em 1142, os monges da ordem de São Norberto, ou Premonstratense, em alusão ao local de nascimento da ordem fundada por São Norberto (1080-1134), em Prémontré, França. A biblioteca, ou melhor dizendo, as bibliotecas que abrigam o mosteiro, constituem projetos modernos, orquestrados pelo abade Jan Lohelius (1549-1622), futuro arcebispo de Praga. No entanto, a primeira grande sala consagrada à conservação dos livros e à leitura, dita Sala Teológica, seria inaugurada apenas em 1679, por obra do arquiteto Giovanni Domenico Orsi (1634-1679). Mas a coleção não cessa de aumentar, o que leva o mosteiro a abrir um novo espaço para a conservação de livros destinados às ciências profanas, dando origem à Sala Filosófica, edificada entre 1783 e 1786.

As duas salas correspondem aos programas de bibliotecas modernas, religiosas ou reais, observados por toda a Europa: salas extensas, ricamente decoradas,

com pés-direitos duplos, onde são alocadas as estantes de livros, reservando-se a área central para o mobiliário destinado à leitura e à escrita. A primeira sala abriga em torno de 18 000 volumes; na segunda, conservam-se outros 50 000. Mas a coleção antiga de Strahov (compreendida até o século XIX) se estende por outras dependências e somam perto de 200 000 volumes. Contam-se 3 286 manuscritos, dentre os quais, o *Evangelário de Strahov*, copiado em 860, em Tour, apresenta-se como a sua mais valiosa relíquia; cerca de 1 500 incunábulos testemunham não apenas a riqueza das primeiras impressões europeias, mas sobretudo os primórdios da imprensa na Boêmia.

É preciso reconhecer que a Sala Filosófica, com suas duas amplas galerias, seu mobiliário em madeira talhada e dourada e a riqueza de seu afresco, confere a Strahov um lugar de grandeza nessa constelação formada pelas mais ricas bibliotecas do mundo. No afresco criado pelo artista vienense Franz Anton Maulbertsch (1724-1796), o tema da história do pensamento humano, da época da Criação ao século das Luzes, culminando com a queda de Diderot e de Voltaire em um abismo, traduzem de forma eloquente os conflitos de ordem moral que tomam esse ambiente monástico na idade da razão.





B: MOSTEIN @ STRATHOV PRAGA.

4/20/16

TRINITY COLLEGE LIBRARY, LONG ROOM, 1856

Dublin, Irlanda
PROJETO Thomas Burgh, 1732
REMODELAÇÃO Escritório Deanne and Woodward, 1856

A Biblioteca do Trinity College foi fundada em Dublin, pela rainha Elisabeth I, em 1592. Objetivava-se prover a comunidade de “boas leituras” nesse momento de propagação da Igreja Anglicana. Na época, suas acomodações eram tão modestas quanto o acervo. A coleção será enriquecida após a compra da biblioteca de James Ussher (1581-1656), primado da Irlanda, bibliófilo apaixonado e descobridor do *Livro de Kells* (c. 800 d.C.), o mais raro e cobiçado manuscrito dessa instituição até nossos dias.

Em 1732, eram inauguradas as novas instalações da biblioteca, edificada a partir do projeto de Thomas Burgh (1670-1730), o mais importante arquiteto irlandês. Mas o acervo não parou de crescer, acompanhando uma revolução da cultura impressa em curso. A partir de 1842, o Parlamento de Londres institui o depósito legal sobre todos os livros publicados nas Ilhas Britânicas, reservando-se um exemplar para a Trinity College Library. A Long Room, que em 1840 acumulava perto de noventa mil volumes, passou a ser acrescida de mil a duas mil obras

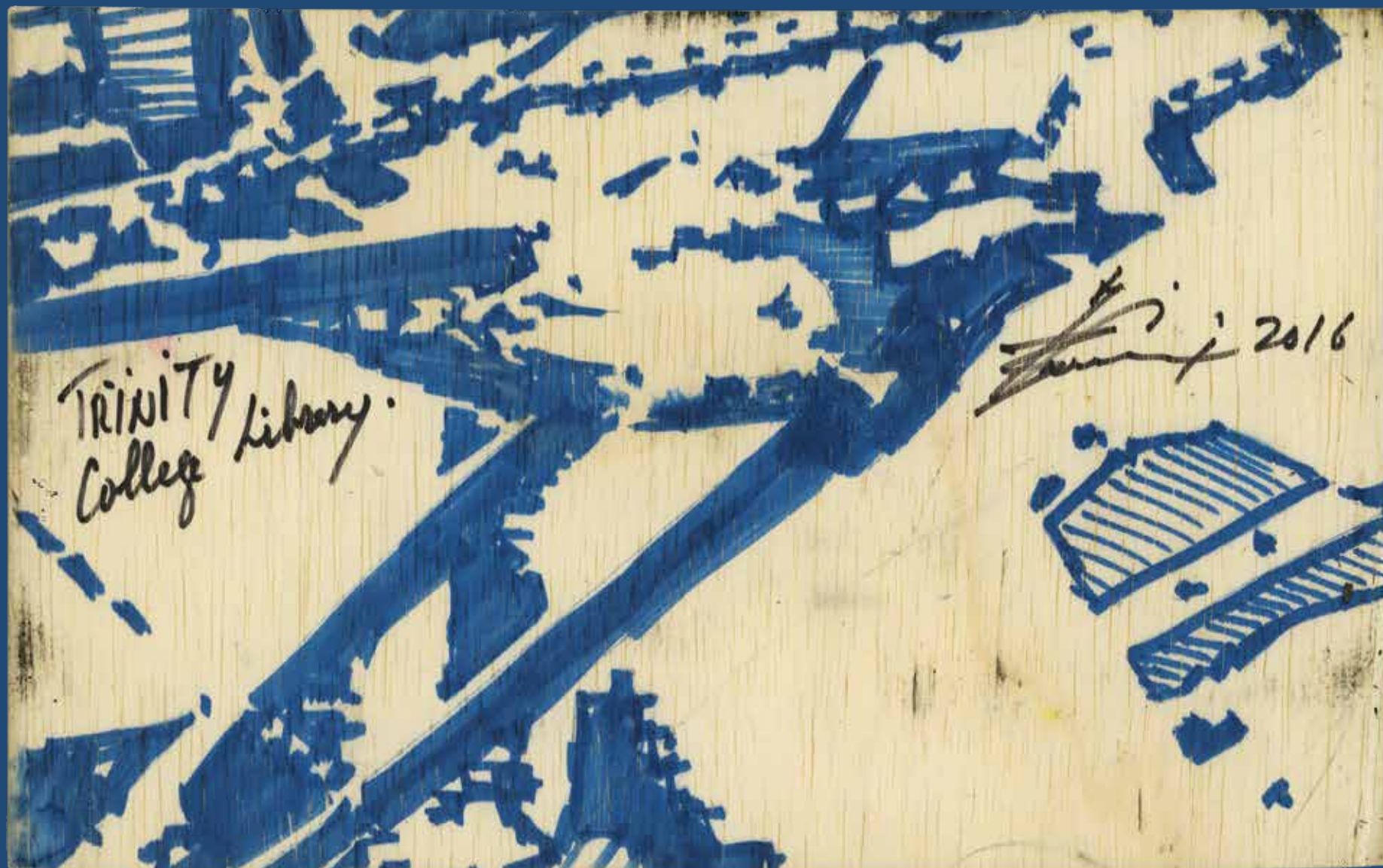
novas por ano, o que não demorou a saturar o espaço. Para piorar o estado geral das coisas, o teto do edifício estava em ruínas e ameaçava seriamente o acervo. Diante desse quadro tenebroso, coube à empresa Deane and Woodward apresentar ao público, em 1856, uma solução pragmática e bastante polêmica, a qual se mostrou, enfim, duradoura.

A reforma consistiu na retirada do *plafond* original que recobria o teto, substituindo-o por uma abóboda de berço. Com essa medida, houve um ganho enorme no pé-direito do edifício e a Long Room recebeu mais um pavimento de estantes, servido por galerias, em toda a sua extensão, dos dois lados do corredor. Outros 86 mil volumes puderam, enfim, ser acomodados nas novas instalações.

Como resultado dessa intervenção, o que se vê é uma sala oblonga, de dimensões colossais, percorrida por colunas de estantes, alcovas e bustos de pensadores que marcaram a cultura ocidental. Em 2015, a Trinity College Library foi eleita, por um *site* de arquitetura e design, a mais bela biblioteca do mundo.







BRITISH MUSEUM LIBRARY, ROUND READING ROOM, 1857

Londres, Inglaterra
PROJETO Sydney Smirke (1798-1877)

Até 1997, a British Library compunha uma seção do British Museum. Para quem conhece a Biblioteca Nacional, nas imediações de St. Pancras, fica difícil imaginá-la em um espaço aparentemente tão saturado quanto o belo edifício do museu britânico, encravado no coração de Bloomsbury, em Londres.

Bloomsbury, afinal de contas, ostenta uma história invejável. Ali viveram grandes intelectuais, artistas e escritores do porte de Charles Darwin, John Maynard Keynes, Bertrand Russell e Virginia Woolf – no número 46 da Gordon Square, ela reunia um célebre grupo de modernistas batizado com o nome do bairro. Outras personalidades não menos importantes certamente passaram longos períodos de suas vidas em Bloomsbury, mais precisamente, na Great Russell Street, em cujo museu era guardada uma biblioteca excepcional. Sun Yat-sen, Oscar Wilde, Friedrich Hayek, Mahatma Gandhi, Rudyard Kipling, George Orwell, Mark Twain, Vladimir Lenin (sob o pseudônimo de Jacob Richter), Arthur Rimbaud, H. G. Wells e Sir Arthur Conan Doyle frequentaram a Round Reading Room do British Museum. Na mesa G7, Karl Marx escreveria sua obra máxima, *Das Kapital*. E quantos outros leitores não teriam concorrido para o adensamento intelectual daquela célebre sala de leitura?

A Round Reading Room foi inaugurada em 1857 no pátio central do British Museum. O projeto foi concebido por Sydney Smirke: um edifício

sólido, redondo, erguido em concreto e estruturas de ferro, com uma cúpula de vidro medindo 42,6 m de diâmetro, inspirada no Panteão de Roma. Sem dúvida, uma obra moderna, à altura das iniciativas tomadas por um bibliotecário-chefe empreendedor e visionário como o foi Antonio Genesio Maria Panizzi (1797-1879). Nascido em Brescello, formou-se em Direito na Univesidade de Parma, em 1818. O jovem militante da Carbonária emigra para Londres após perseguições em sua terra natal. Torna-se, então, professor de italiano, até ingressar na recém-fundada University College London (UCL) e, em seguida, na British Library. Nessa última instituição o nome de Panizzi se projetou para além dos limites de Bloomsbury, o que lhe permitiu acesso a políticos liberais prestigiosos e, certamente, aos recursos necessários para a consecução de seus projetos.

A imponente Round Reading Room acolheu leitores que protagonizaram inovações fundamentais para o desenvolvimento das artes e das ciências na era vitoriana e em todo o século XX. Outrossim, ela alimentou histórias e realizações revolucionárias, como a de um bibliotecário que trabalhou pelo acesso amplo, gratuito e irrestrito aos livros.







BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE, SALLE LABROUSTE, 1865-1866

Paris, França
PROJETO Henri Labrouste (1801-1875)

As revoluções do século XVIII colocam termo às antigas bibliotecas principescas, cujos modelos já se apresentavam demasiadamente arcaicos para as demandas de um *tiers état* em ascensão. A Revolução Industrial faz de Londres a nova capital da economia-mundo capitalista, com seus quase um milhão de habitantes na virada do século. Tal fato não se dá sem significados profundos na história das bibliotecas, a tomar pela presença – ou seria onipresença? – do British Museum e de sua *richissime* coleção de objetos, livros e manuscritos que recobrem culturas de todo o globo, em todos os períodos da história da humanidade.

A Revolução Francesa não teria efeito menos explosivo sobre a ordem universal dos livros. Bibliotecas aristocráticas e religiosas foram saqueadas e confiscadas no calor dos fatos. Porém, a Revolução cuidou de corrigir possíveis desvios ao lançar, em 1794, as bibliotecas do povo. Não demora o tempo em que a Biblioteca Real, cuja coleção remonta ao século XV, receba o epíteto de Nacional. A nova instituição se torna o modelo de uma civilização laica, que repousa sobre um amálgama identitário abstrato a que chamamos de Nação.

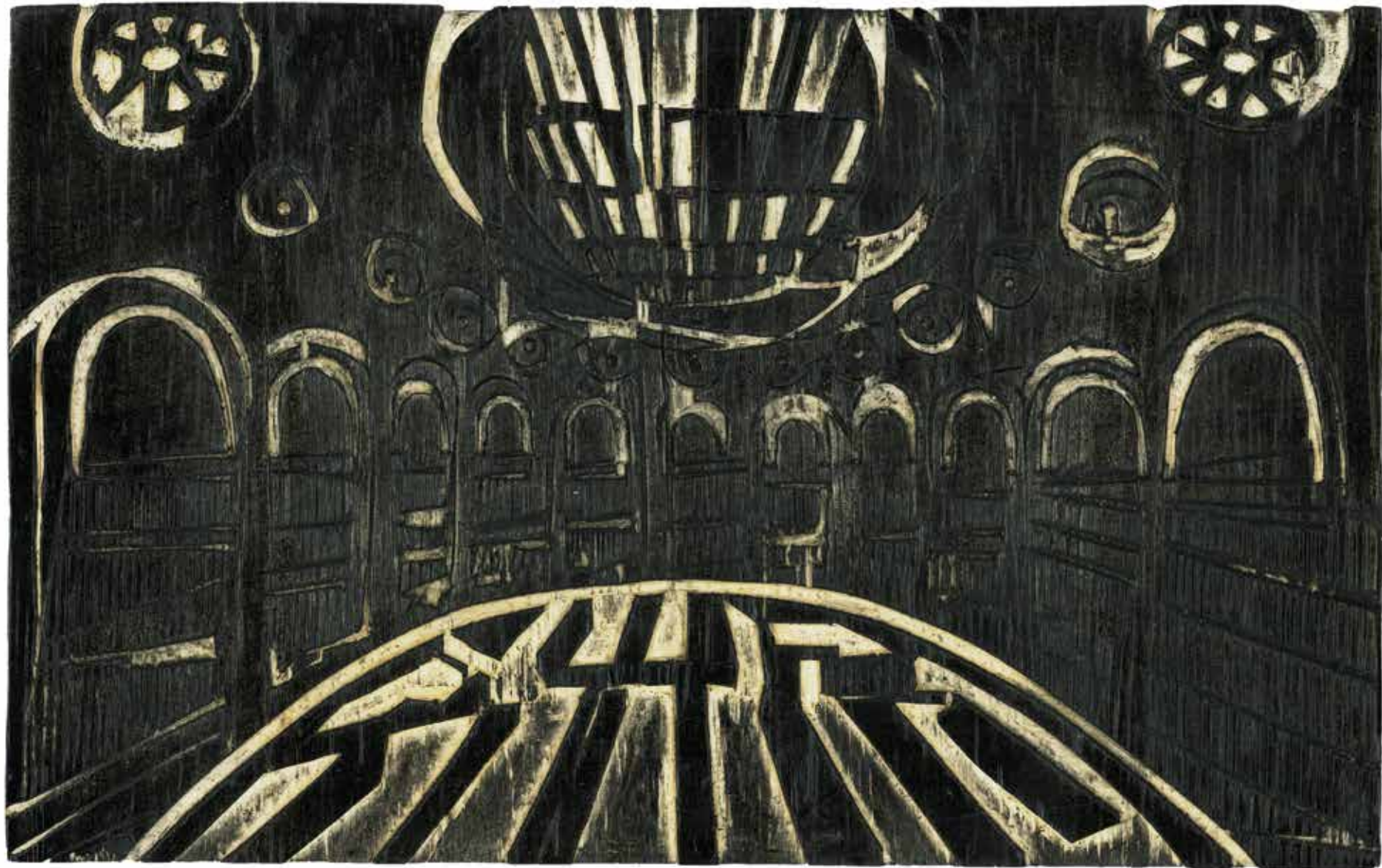
Após o golpe de 2 de dezembro de 1851, a Biblioteca Nacional da França será repatizada como Biblioteca Imperial. E foi sob os influxos modernizadores de Napoleão III que as dependências da antiga instituição

incrustada no palácio de Richelieu, na *rive droite* de Paris, recebeu as reformas mais significativas.

O nome de Henri Labrouste está para a arquitetura, assim como o de Haussmann (1809-1891) está para o urbanismo parisiense, nos tempos do Império. Nascido em Paris, nos tempos da Convenção, ele bem cedo demonstrara o pendor para as artes. Em 1819, ingressa na École Royale des Beaux-Arts, no ateliê de Lebas-Vaudoyer. Entre os concursos e honrarias conquistados nos primeiros anos de estudo, o Prêmio de Roma seria o mais importante, ao lhe franquear uma longa temporada na Villa Medici, entre outras viagens pela Península Itálica. Labrouste retornará a Paris sob a Monarquia de Julho (1830-1848).

A nova sala de leitura da então Biblioteca Imperial foi construída entre 1860 e 1866. A Sala Labrouste, tal como é conhecida na atualidade, tornou-se célebre pela elegância de suas ogivas, sustentadas por colunas delicadas, dotadas de um refinamento singular. Feixes de luz perpassam janelas de vidro, realçando os afrescos que decoram a sala em toda a sua extensão. Tudo executado com tal naturalidade e harmonia, que o espaço parece evocar o jardim e a biblioteca eternizados por Cícero (106-43 a.C.). Ela confirma, outrossim, que era chegado o tempo dos palácios dos livros.





B. NACIONAL
DA FRANÇA
PARIS

~~4/1/2016~~



A modernidade impõe a adoção de padrões construtivos novos, o uso de materiais acessíveis e a busca de soluções inovadoras para os palácios dos livros. Além disso, os arquitetos estão comprometidos com uma dupla necessidade: de um lado, adaptar-se aos padrões estéticos de uma cultura urbana em plena ascensão; de outro, responder ao imperativo dos livros, diante de uma produção editorial em larga escala, que exigia espaços apropriados para a conservação de um fundo bibliográfico cada vez mais volumoso.

George Peabody (1795-1869) nasceu em Baltimore, Maryland. Deixou a escola aos onze anos de idade para trabalhar e ajudar uma família numerosa, com seus dez irmãos. Em 1837, enriquece com o comércio de lã e se transfere para Londres. Seguindo as trilhas dos *self-made men* de sua geração, Peabody investe em diversos setores da economia, particularmente o financeiro, vindo a fundar um banco de investimentos. Torna-se um capitalista e filantropo de respeito, legando sua fortuna para obras de caridade, em particular, para o instituto que fundou na cidade natal.

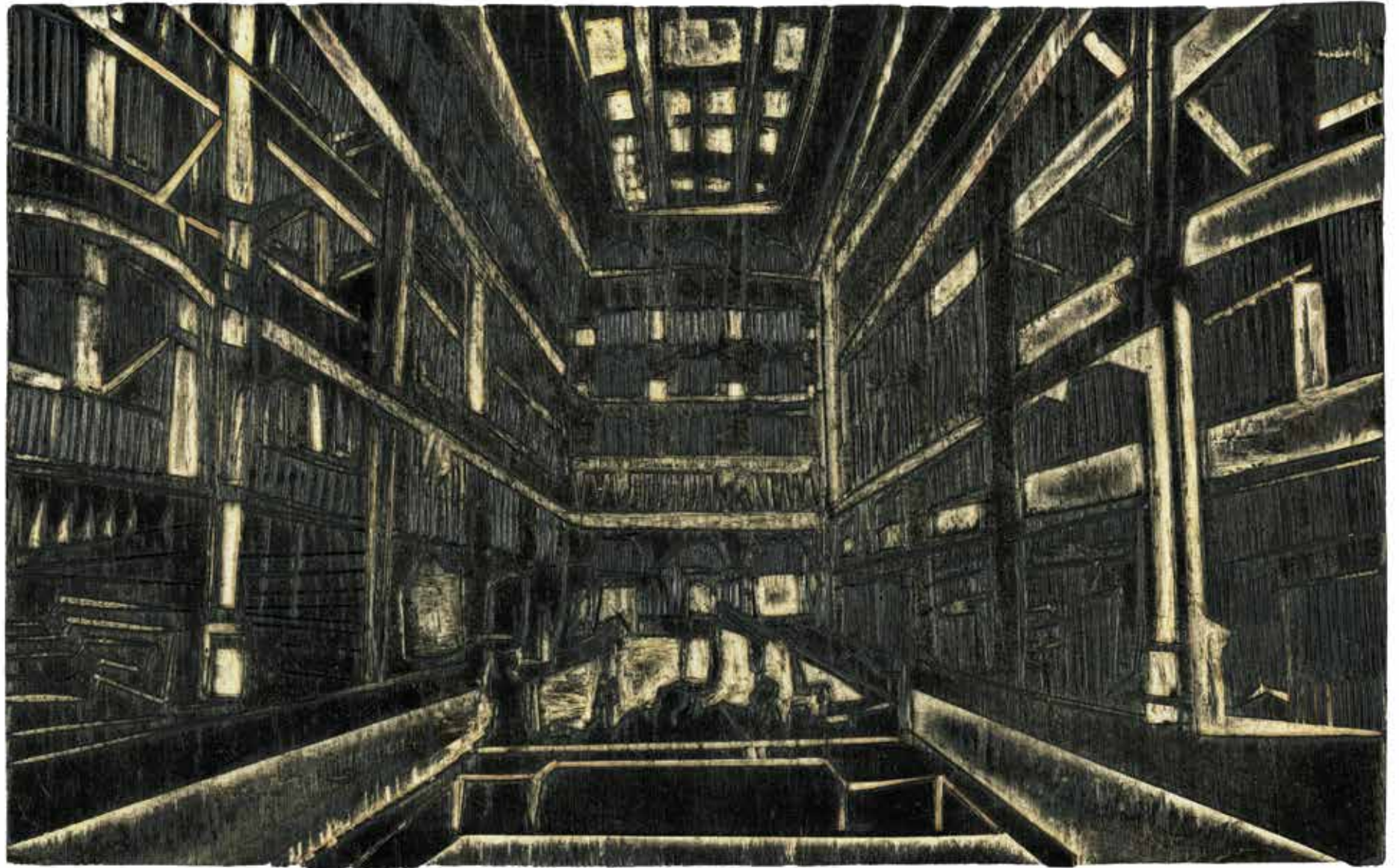
A Biblioteca do Instituto compõe um salão particularmente magistral, de 18,5 metros de comprimento e seis andares de galerias, dos quais cinco estão cobertos por livros e um último por janelas decoradas em semiarco. A iluminação

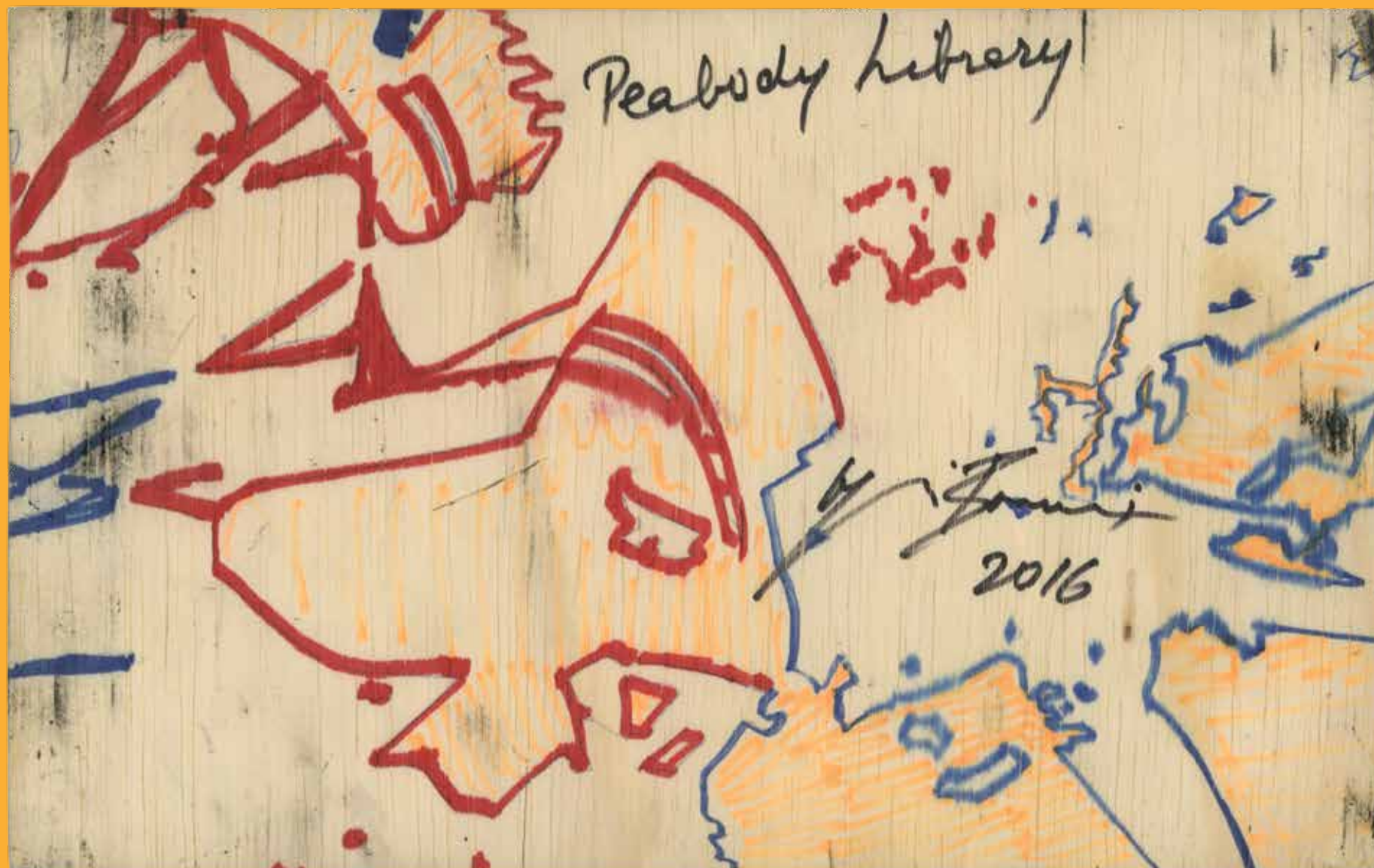
se faz por um grande vitral emoldurado em ferro que recobre todo o teto. Um *hall* em mármore preto e branco compõe com as galerias decoradas em ouro um conjunto operístico bem peculiar.

O ferro, aliás, é o elemento predominante de toda a construção e do mobiliário: incluindo as estantes de livros, os balcões e os pisos das galerias. Nos tempos da iluminação a gás, logo substituída pela luz elétrica, o medo de incêndios era uma constante. Além disso, o ferro minimizava a ação dos insetos que acometiam as madeiras e os papéis, e conformava estruturas mais leves, portanto, mais adequadas às construções verticais.

A Biblioteca do Instituto Peabody foi fundada como uma instituição pública, dotada de uma coleção de trezentos mil volumes, a maior parte edições dos séculos XVIII e XIX sobre arqueologia, música, arte, literatura inglesa e americana, além de uma seção destinada às letras clássicas. Atualmente, ela guarda a coleção especial das bibliotecas da Universidade de Sheridan. E se as funções das bibliotecas monumentais estão em plena mutação, vale assinalar que suas dependências são hoje alugadas para a realização de festas e cocktails, especialmente casamentos.







Fundada em 1800, pelo presidente John Adams (1735-1826), a Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos conheceu uma série de reveses no primeiro meio século de sua história. Em 1814, quando ocupava o Capitólio, ela foi bombardeada pelas tropas britânicas. Um novo acervo se formou a partir da coleção de Thomas Jefferson (1743-1826), político e pensador ilustrado, que buscara armazenar todo o conhecimento útil aos chefes de Estado nos campos das ciências, da filosofia e da literatura. Em dezembro de 1851, um incêndio consumiu perto de 35 mil volumes, além de peças de decoração da sala de leitura.

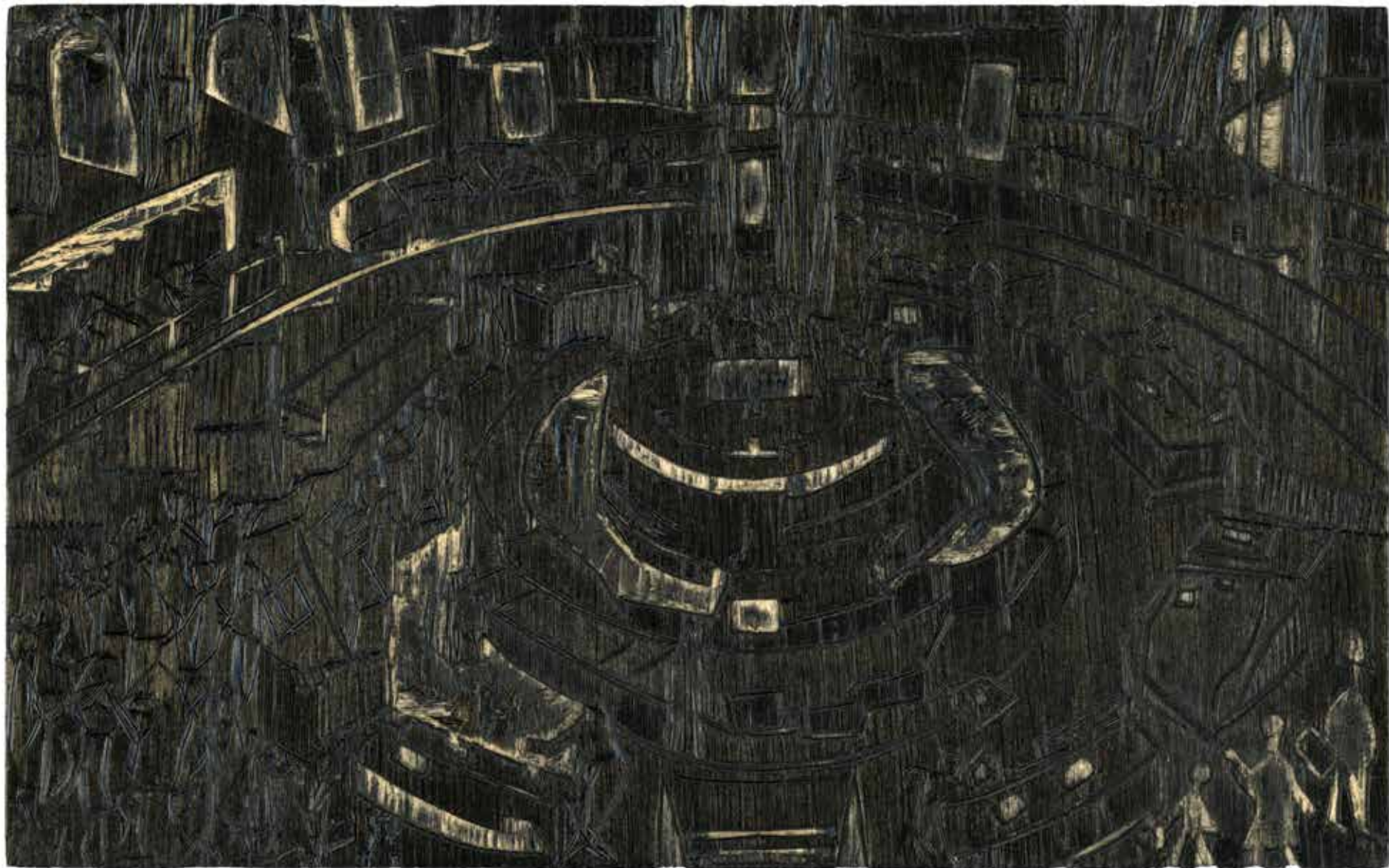
Na segunda metade do século XIX, o destino da Library of Congress foi muito mais alvissareiro. Ela se torna símbolo incosteste de uma nação em pleno desenvolvimento. São múltiplas as suas funções: provedora de livros para o Senado e o Congresso dos Estados Unidos; biblioteca de pesquisa, o que estimulou uma política crescente de aquisições, tanto de obras estrangeiras para o uso corrente, quanto de raridades, entre manuscritos, impressos e objetos de vária sorte (mapas, estampas, partituras etc.), seguindo a tendência de suas congêneres europeias; o Copyright Act (1870) concorreu, por seu turno, para a guarda de todos os impressos publicados nos Estados Unidos.

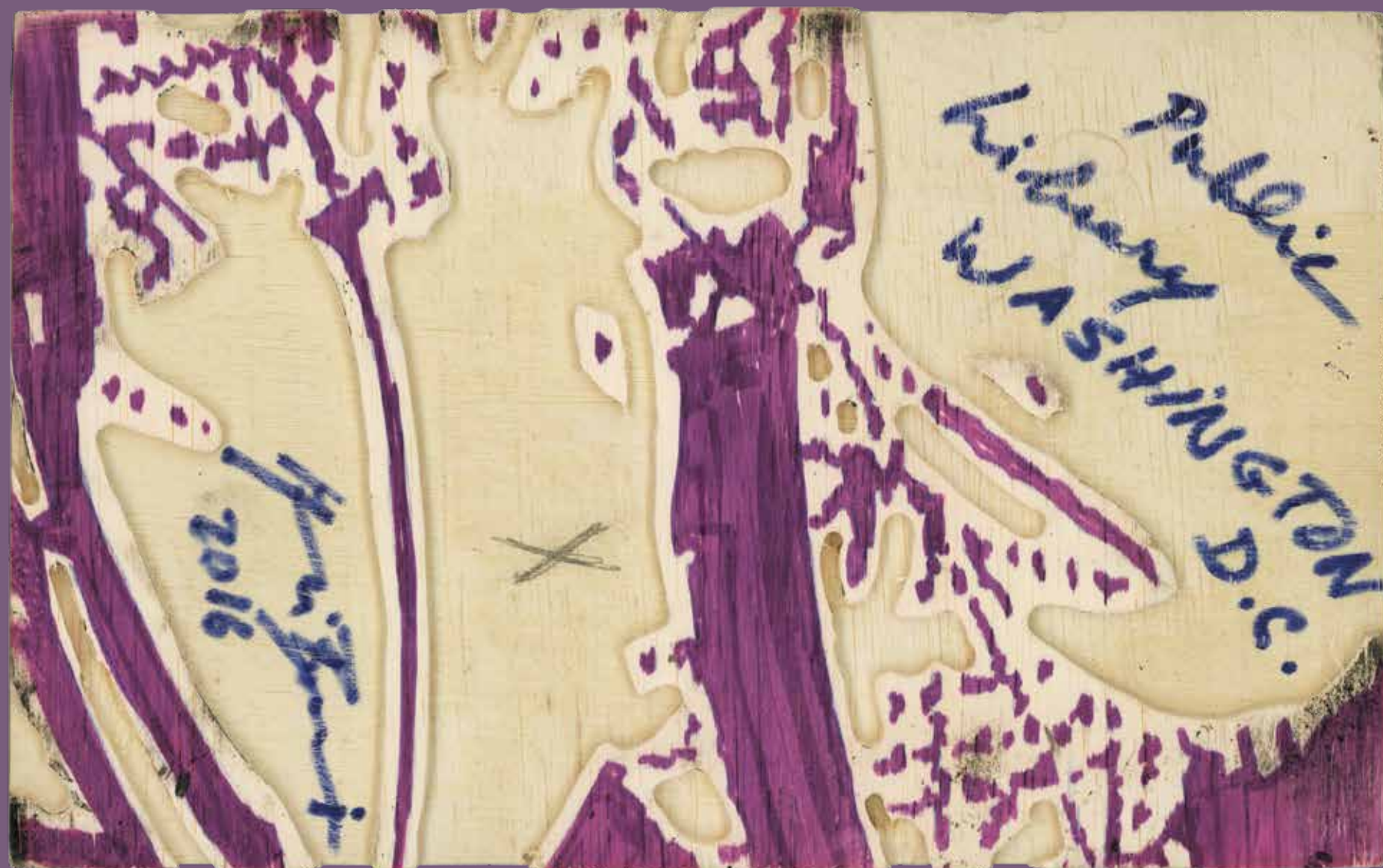
Em 1897, foi inaugurada a Main Room Library. Nessa época, o acervo se compunha de 840 mil volumes, aos quais se somavam a coleção cartográfica, as partituras musicais, as gravuras, entre outras peças históricas.

O projeto arquitetônico do edifício foi escolhido a partir de um concurso público, sendo vitorioso o espírito da “renascença italiana”, segundo a aceção dos artistas. Por trás de uma fachada monumental e austera, guarda-se um salão notavelmente decorado, cujo acesso se dá por uma escadaria desenhada sob a inspiração do Kunsthistorisches Museum, de Viena. O *décor* e as perspectivas complexas que conformam o Great Hall foram inspirados na Opéra Garnier, de Paris. A sala de leitura principal, ou Main Reading Room, conforma um salão octagonal de 38 metros de altura e 30,5 metros de diâmetro, mobiliado com mesas de madeira e cadeiras forradas em couro. Os bibliotecários se acomodam em uma mesa elevada ao centro.

Sem dúvida, a Biblioteca do Congresso, por sua arquitetura suntuosa e pela riqueza de sua coleção, faz jus ao sentido universalista das instituições de leitura, em consonância com suas matrizes ilustradas.







BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO, 1910

Rio de Janeiro, Brasil
PROJETO Francisco Marcelino de Souza Aguiar (1855-1935)

As origens da Biblioteca Nacional remontam a 1808, quando a Corte portuguesa se transferiu para o Brasil. Nos tempos de D. João, houve a fundação de diversas sociedades e academias para estudos científicos, literários e artísticos, como o Instituto Acadêmico das Ciências e das Belas-Artes, a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro, a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, a Academia dos Guardas-Marinhas, a Academia Militar, o Museu Real, o Teatro Real de São João, o Jardim Botânico... a Imprensa Régia e a Biblioteca Real.

O acervo inicial remonta à coleção da biblioteca do Palácio da Ajuda, em Lisboa, e perfazia cerca de sessenta mil volumes. Em 1814, a Biblioteca Real foi franqueada ao público, tendo-se instalado no antigo Hospital do Carmo, na Lapa.

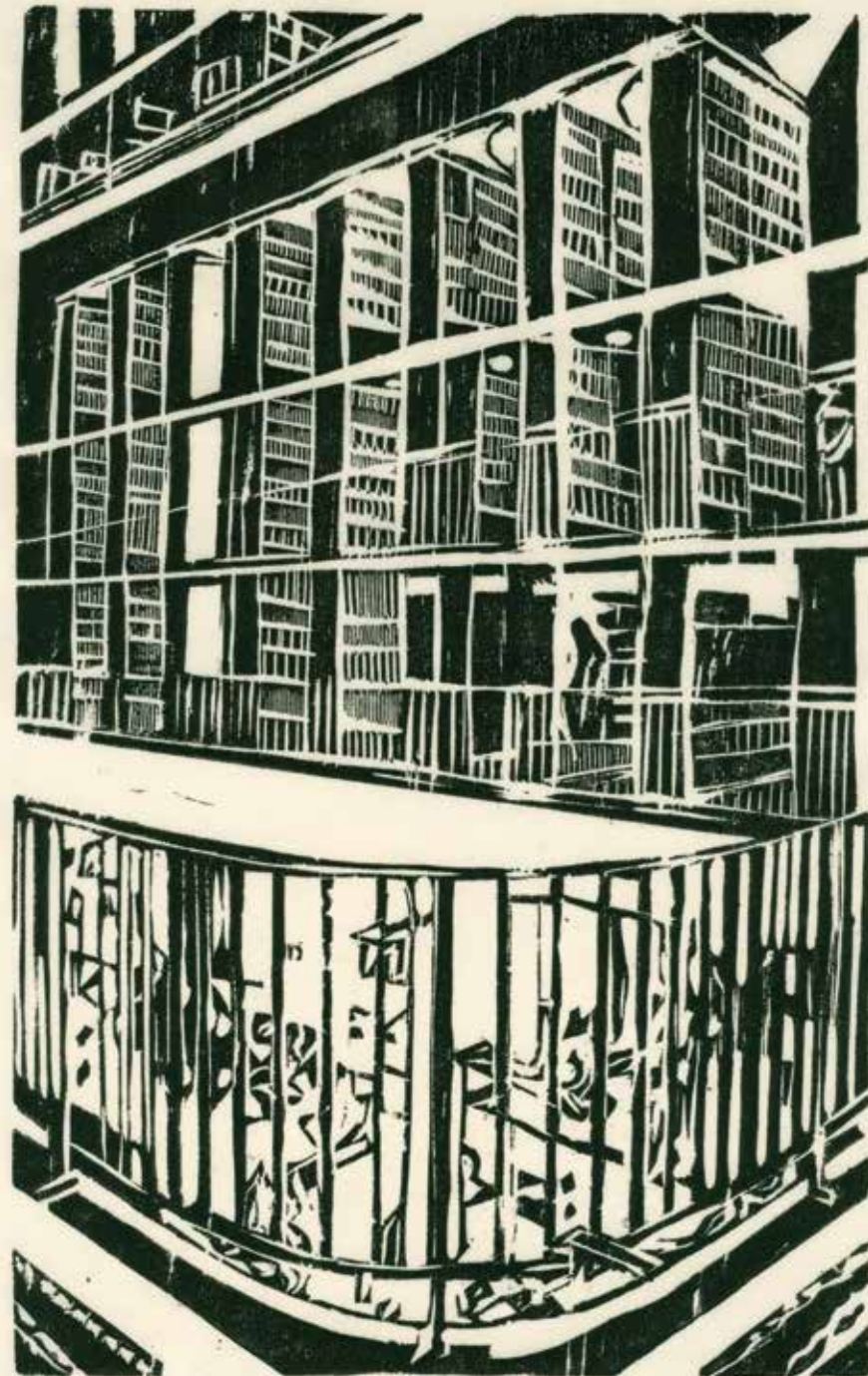
Uma nova sede seria fundada em 1858. É quando o bibliotecário Camilo de Montserrat (1818-1870) apresenta o novo inventário da instituição, organizado por seções temáticas que traduzem bem a riqueza do acervo: 1. Impressos; 2. Manuscritos; 3. Mapas e estampas; 4. Desenhos originais, pinturas, esculturas, entre outros objetos.

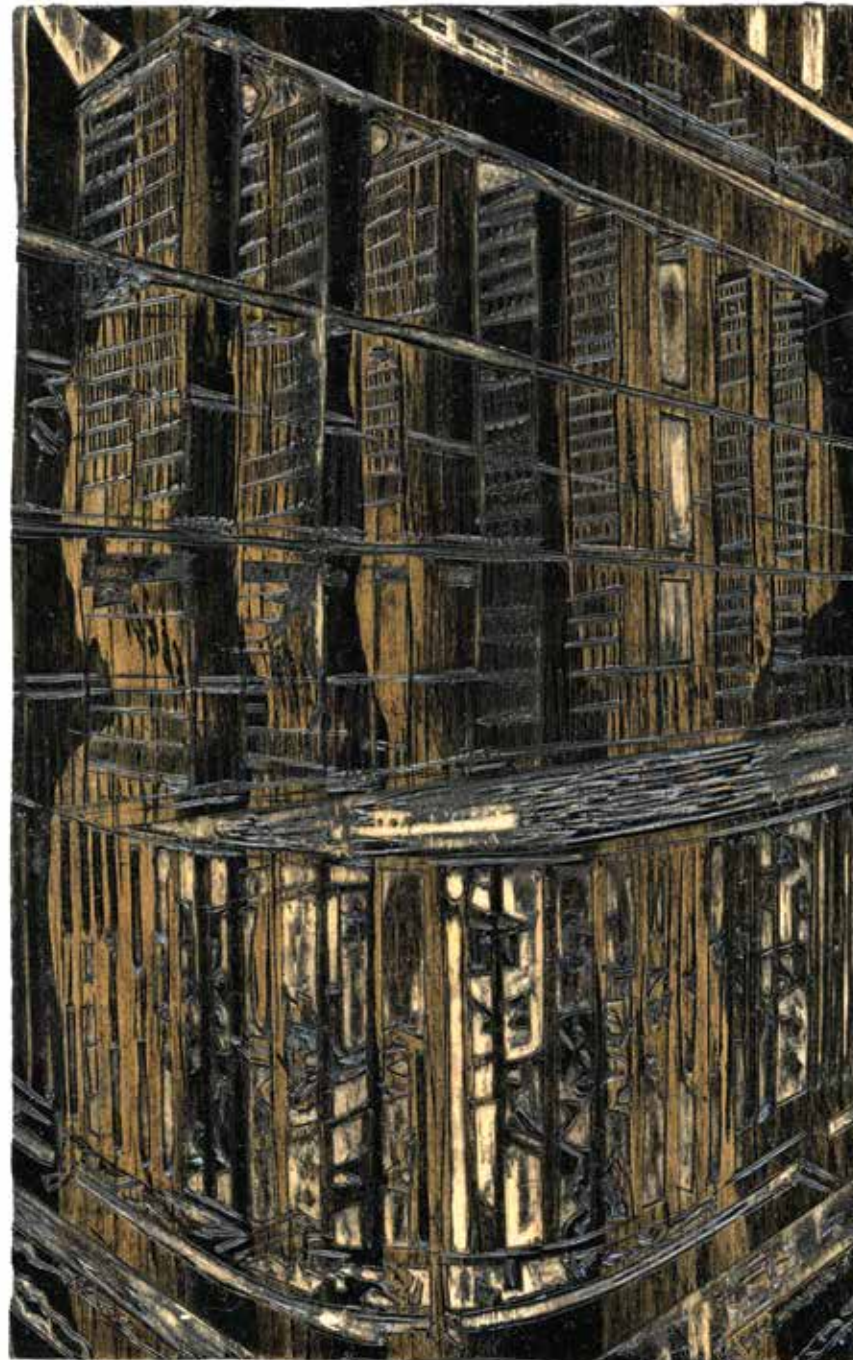
Em 1894, foram compulsados 228 mil livros e estimava-se a entrada de mil títulos novos por ano, pelo sistema de depósito legal. A antiga sede já não

comportava a rotina de consultas a uma coleção que não cessava de aumentar. Era mister construir um novo edifício, mais amplo e eloquente, em consonância com outras reformas de peso que transformaram de forma radical o traçado urbano da capital e sua arquitetura. Uma Biblioteca Nacional para a república parecia tão necessária quanto uma nova capital para o novo regime.

As obras foram realizadas nos tempos do diretor Manuel Cícero Peregrino (1866-1956), que visitou bibliotecas norte-americanas e europeias para seguir as tendências mais avançadas no uso de materiais e métodos de construção e organização de acervos bibliográficos e documentais. Como resultado, temos um belo edifício de fachada monumental, em estilo eclético, com predomínio das linhas neoclássicas. As inovações foram guardadas para o interior. Galerias e magazines verticais, perfazendo seis andares de estantes de aço esmaltado, previam a capacidade de armazenamento de 1,5 milhão de volumes. Tudo cuidadosamente selecionado e importado dos Estados Unidos.

Inaugurada em 1910, a instituição fazia jus aos reclamos de seu diretor, a saber, o de “abrigar o maior tesouro bibliográfico da América Latina”.





BIBLIOTECA NACIONAL
Rio de Janeiro

~~14~~ 2016



NEW YORK PUBLIC LIBRARY, 1911

Nova York, Estados Unidos
PROJETO DO EDIFÍCIO Carrère and Hastings
INTERIOR John Shaw Billings (1838-1913)

A New York Public Library é uma instituição privada, sem fins lucrativos, fundada em 1911, a partir de três fundos notáveis: a Biblioteca de John Jacob Astor, de 1848; a do negociante James Lennox, que franqueou sua coleção de manuscritos, obras raras e documentos sobre a história dos Estados Unidos, em 1870; e os recursos da fundação Tilden Trust, responsáveis pela reunião das coleções anteriores em um novo projeto destinado a abrigar a mais prestigiosa e rica biblioteca pública nova-iorquina.

A NYL se localiza na 5th Avenue, no coração da Big Apple. As obras de construção e *décor* desse conjunto de linhas clássicas, representativo de uma herança nostálgica da Renascença italiana, foram realizadas entre 1902 e 1911. A sala de leitura foi instalada no piso superior do edifício, de tal sorte que os magazines de livros passaram a ocupar os andares inferiores. O projeto, de autoria do bibliotecário-chefe da instituição, criou um sistema logístico bastante original: os livros são recebidos e cadastrados no térreo; em seguida, transferidos para suas respectivas seções. Toda essa movimentação é realizada por elevadores e esteiras elétricos.

Nessa época, criaram-se construções anexas, destinadas às instalações de bibliotecas circulantes, ligadas à NYL. A ideia não era nova. Benjamin Franklin

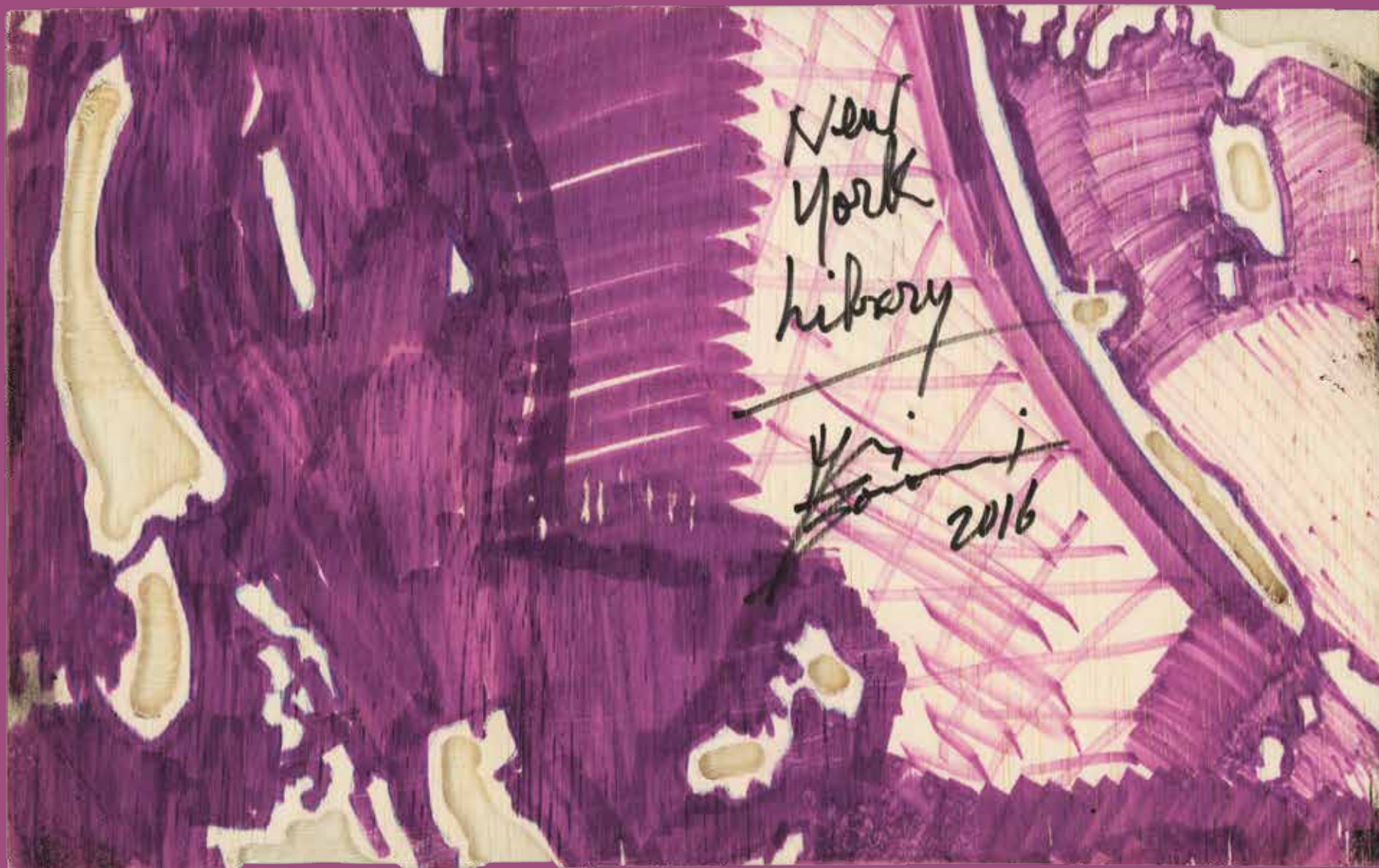
(1706-1790) defendera a criação de uma rede de bibliotecas públicas nos Estados Unidos que oferecesse a uma maioria esmagadora de imigrantes condições de letramento e leitura em língua inglesa.

Atualmente, a Biblioteca Pública de Nova York recebe dez milhões de leitores por ano. As coleções somam perto de doze milhões de cotas e elas se dispõem em 85 anexos de empréstimos e consultas distribuídos em todos os bairros da cidade.

Em 1998, a sala de leitura passou a ser denominada Rose Reading Room, em homenagem a Sandra Priest Rose e Frederick Phineas Rose, que financiaram as obras de restauro. O efeito monumental do projeto se reflete em um salão extenso (90 x 15,5 metros), dividido em duas seções de mesas de leitura, iluminadas por pesados lustres de ferro, com as paredes recobertas de livros, sob janelas semicirculares. Em 1957, um jornalista teria escrito que a Biblioteca representava para Nova York o que as catedrais representaram para as cidades medievais. De fato, por seu aspecto solene e monumental, mas também pela função vital que ela exerce sobre a vida intelectual da cidade, a NYL parece fazer jus ao afresco que recobre o teto da Rose Reading Room: ali os leitores estão sob o céu que os protege.







Há algo de ritualístico e sagrado no interior da Biblioteca Beinecke de Livros Raros e Manuscritos da Universidade de Yale, que contradiz o sentido funcional geralmente atribuído às construções modernistas no segundo pós-Guerra. Isso talvez ocorra porque todo o edifício tenha sido estruturado em função dos livros, através dos livros, com os livros. A coleção é aberta ao público, mas está protegida por uma parede de vidro, o que permite a proteção dos volumes do calor e da humidade. A luz do sol é filtrada por uma parede de mármore translúcido. Espectros âmbar harmonizam com o couro das encadernações e nos faz crer que os livros só podem existir por obra de alguma força divina.

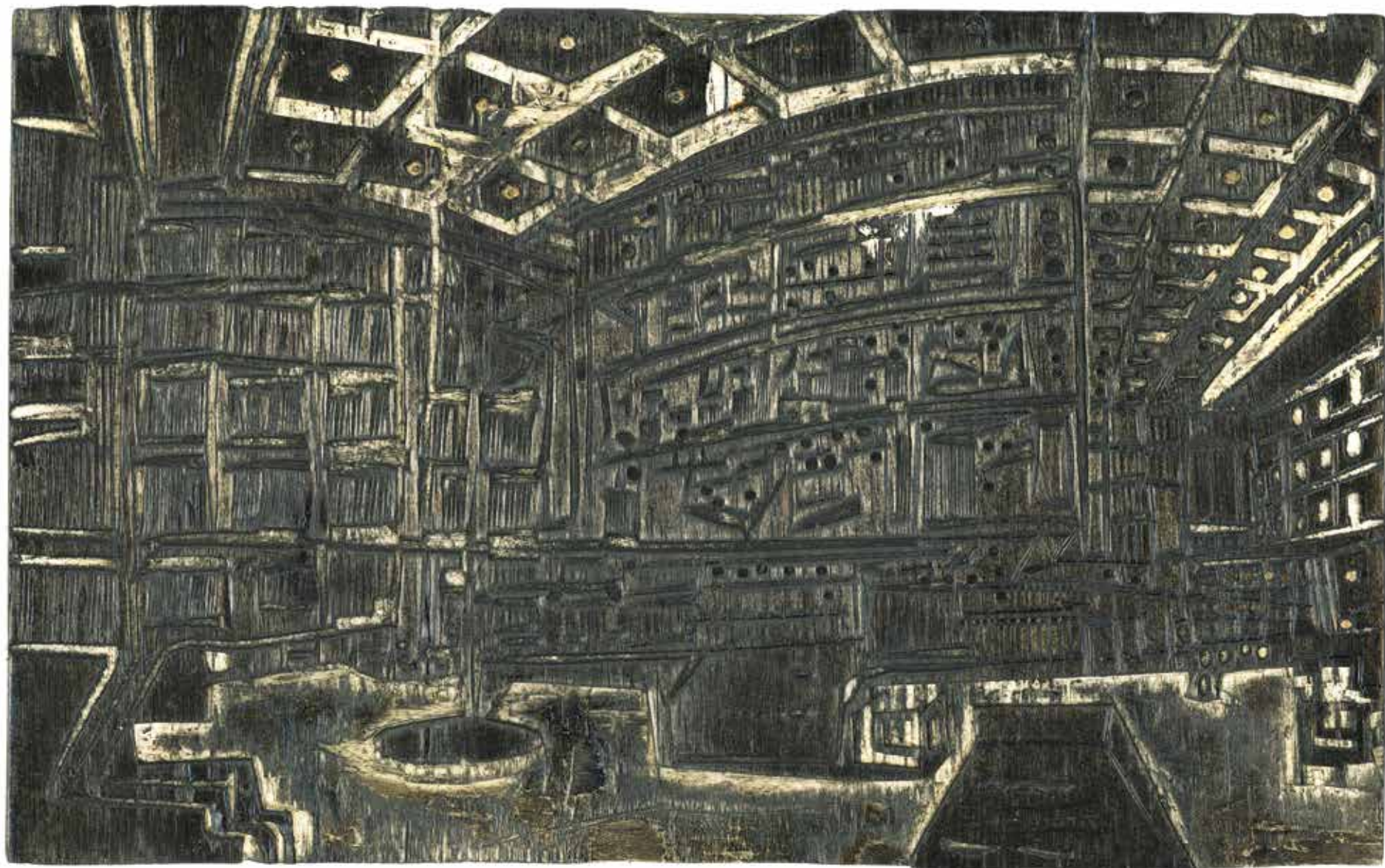
Mas a Beinecke é um produto do século. De administradores empenhados na conservação de suas raridades bibliográficas, entre livros e manuscritos; e de pesquisadores interessados na construção de um espaço nobre para a realização de suas atividades essenciais. Afinal de contas, essa biblioteca pertence a uma das mais prestigiosas instituições norte-americanas, a saber, a Universidade de Yale.

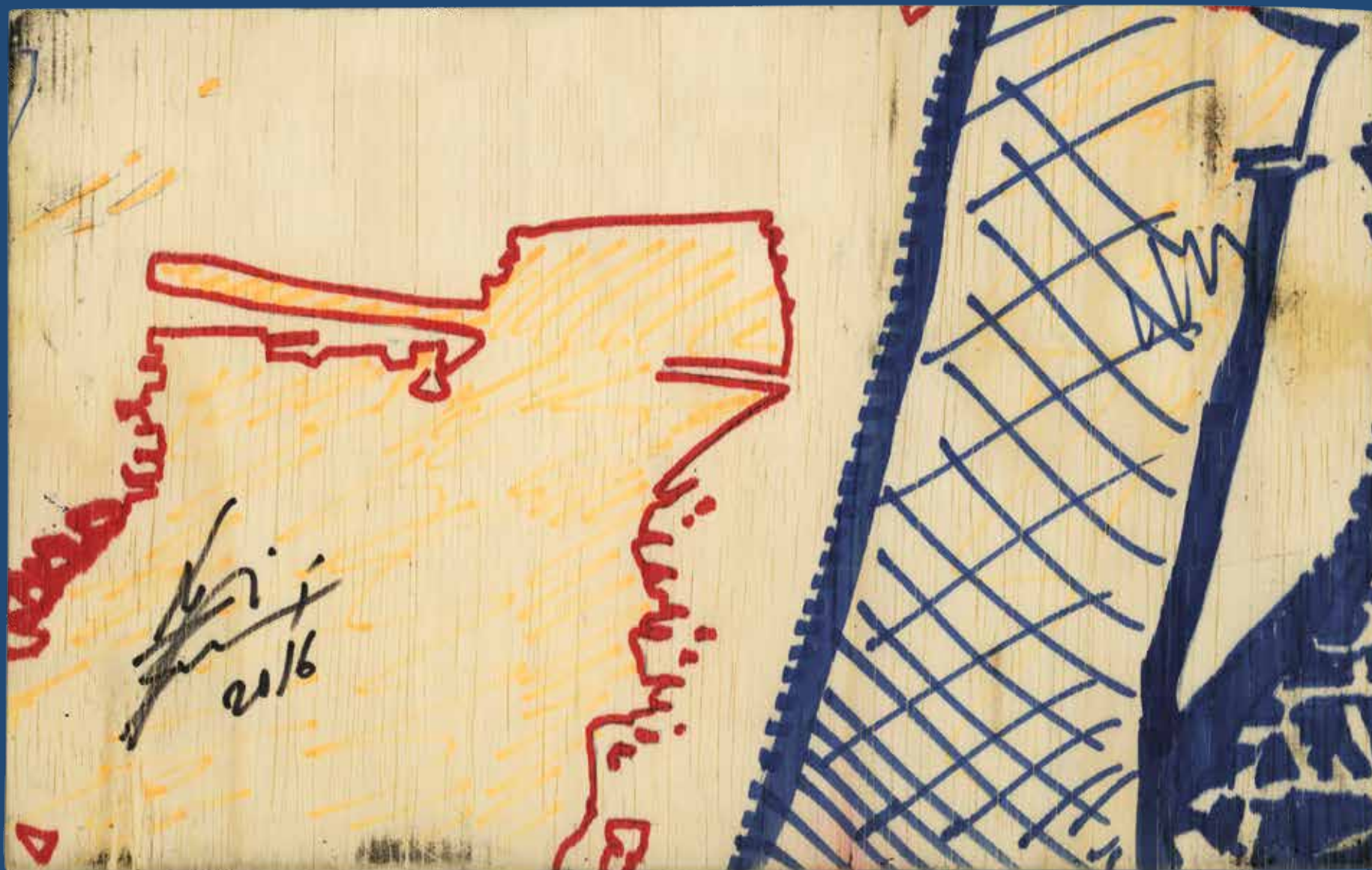
A coleção remonta ao final do século XIX, quando a Library of Yale College reuniu em um só espaço seu fundo de obras raras e manuscritos. Em 1918, a instituição receberia uma biblioteca de peso, herdada do milionário John W. Sterling, cujo desejo era a criação, na Universidade, de um memorial batizado

com seu nome. Após 1930, depois da inauguração de um novo espaço destinado aos livros raros, novos projetos foram criados no sentido de incentivar ex-alunos a enriquecer o acervo. Da biblioteca de Anna M. Harkness, Yale herdaria uma edição da *Bíblia de Gutenberg*; mais tarde, a família Beinecke contribuiria com a mais notável coleção de livros sobre o Oeste americano.

Todo esse processo resultou no acúmulo de mais de 130 mil volumes de obras raras sobre os Estados Unidos e o mundo e, evidentemente, não demorou a demanda por fundos para a construção de um novo edifício, o inaugurado em outubro de 1963. Originalmente, o acervo foi estruturado a partir de algumas coleções-chave: literatura americana; Oeste dos Estados Unidos; literatura alemã. Aquisições posteriores ampliaram o espectro da coleção, tal como podemos observar nos dias atuais, de tal sorte que a instituição se tornou o repositório de edições anteriores a 1800; impressões latino-americanas datadas até 1751; livros impressos nos Estados Unidos até 1821; jornais e efêmeros norte-americanos impressos até 1851; tratados e panfletos europeus publicados até 1821; além de publicações eslavas e do Leste Europeu (especialmente livros), publicados até o século XVIII. A biblioteca ainda guarda livros antigos em papiro, manuscritos medievais e arquivos de escritores modernos, o que bem testemunha sua riqueza e diversidade.







BIBLIOTECA NACIONAL DA DIETA, 1968

国立国会図書館 (KOKURITSU KOKKAI TOSHOKAN)

Tóquio, Japão

PROJETO Mayekawa Associates, Architects & Engineers

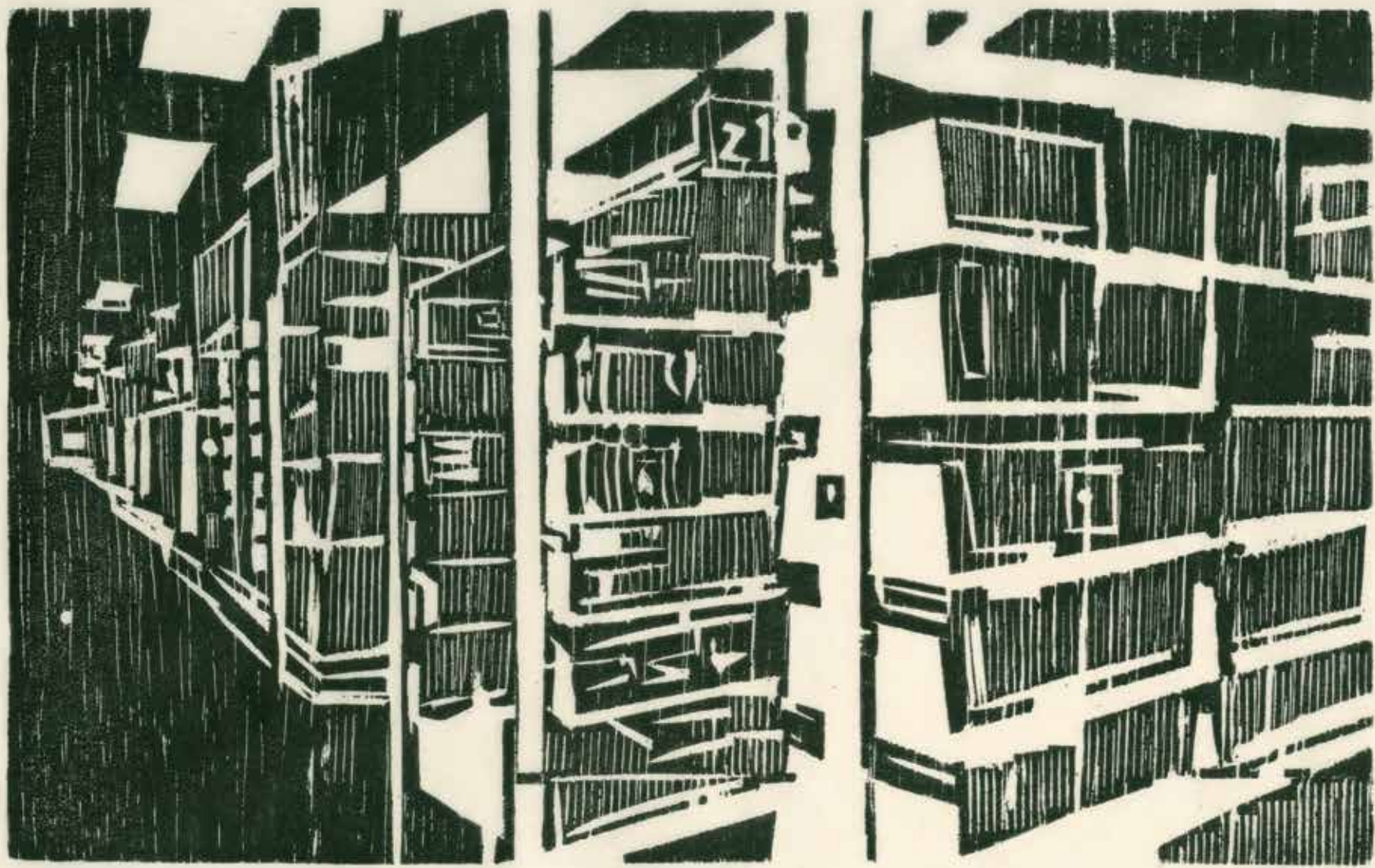
A Biblioteca Nacional da Dieta do Japão foi fundada em 1948, um ano após a promulgação da Carta Constitucional, que zelava pela soberania do povo através do fortalecimento da Dieta, ou seja, de seu corpo parlamentar. Pode-se mesmo dizer que a NDL – ou National Diet Library – nasce dos escombros de uma terra e de um povo devastados pela Guerra, donde sua importância simbólica para um país em reconstrução.

Nos termos da lei, sua função primordial era a de assistir aos membros do Parlamento com uma boa coleção de livros e documentação relativos ao sistema político e à legislação japonesa e, de modo mais abrangente, de franquear seu acervo ao leitorado japonês. Nesse sentido, ela adotaria o sistema das bibliotecas nacionais, resguardando inclusive o direito do depósito legal.

O fundo inicial se formou a partir de duas importantes e tradicionais instituições: a Biblioteca Imperial, de 1872; e as bibliotecas parlamentares, formadas pela Casa dos Pares, ou seja, por membros da família imperial nomeados pelo soberano, e da Casa dos Representantes, eleitos por sufrágio direto, de acordo com a Constituição de 1889. Notemos que as duas iniciativas datam da

Era Meiji, período iniciado em 1868, que conduziu a nação japonesa a uma série de medidas modernizadoras, baseadas em modelos ocidentais. As bibliotecas oficiais traduziam, nesse sentido, o espírito patriótico e fortemente identitário da nação japonesa.

Durante as primeiras décadas de funcionamento, a Biblioteca permaneceu no Palácio Akasaka, em área anexa ao Parlamento, em Tóquio. Porém, o aumento progressivo do acervo demandou a construção de um novo edifício. Em 1968, era inaugurado, nas imediações da antiga sede, o prédio principal da NDL. Um anexo passaria a ser erigido no final da década de 1980, constituindo uma extensão da face norte do prédio principal. Trata-se, todavia, de um projeto mais arrojado do ponto de vista arquitetônico: a iluminação natural perpassa as salas de leitura, dispostas em quatro andares, ao redor do *atrium*, através de uma claraboia instalada ao centro do teto. Os dois edifícios compreendem uma área de 148 000 metros quadrados. As estantes ocupam 53% do espaço construído e possuem capacidade para o armazenamento de doze milhões de volumes.





BIBLIOTECA
NACIONAL
DA DIETA

JAPÃO


~~Y. I. S. S.~~
2015
2016

~~Y. I. S. S.~~
2017
2016

BIBLIOTECA DE ALEXANDRIA, 2002

الاسكندرية مكتبة (MAKTABAT AL-ISKANDARĪYAH)

Alexandria, Egito
PROJETO Snøhetta

Em 23 de abril de 2002 era inaugurada, sob os auspícios da Unesco, a nova Biblioteca de Alexandria. Ao lançar as bases de um novo centro destinado a abrigar e preservar a memória das civilizações do mundo, aquela nova instituição erguida com imponência às margens do Mediterrâneo buscava recuperar seu vínculo com um passado brilhante, quando “pássaros raros, distantes, preciosos” fizeram da “populosa terra do Egito” sua morada.

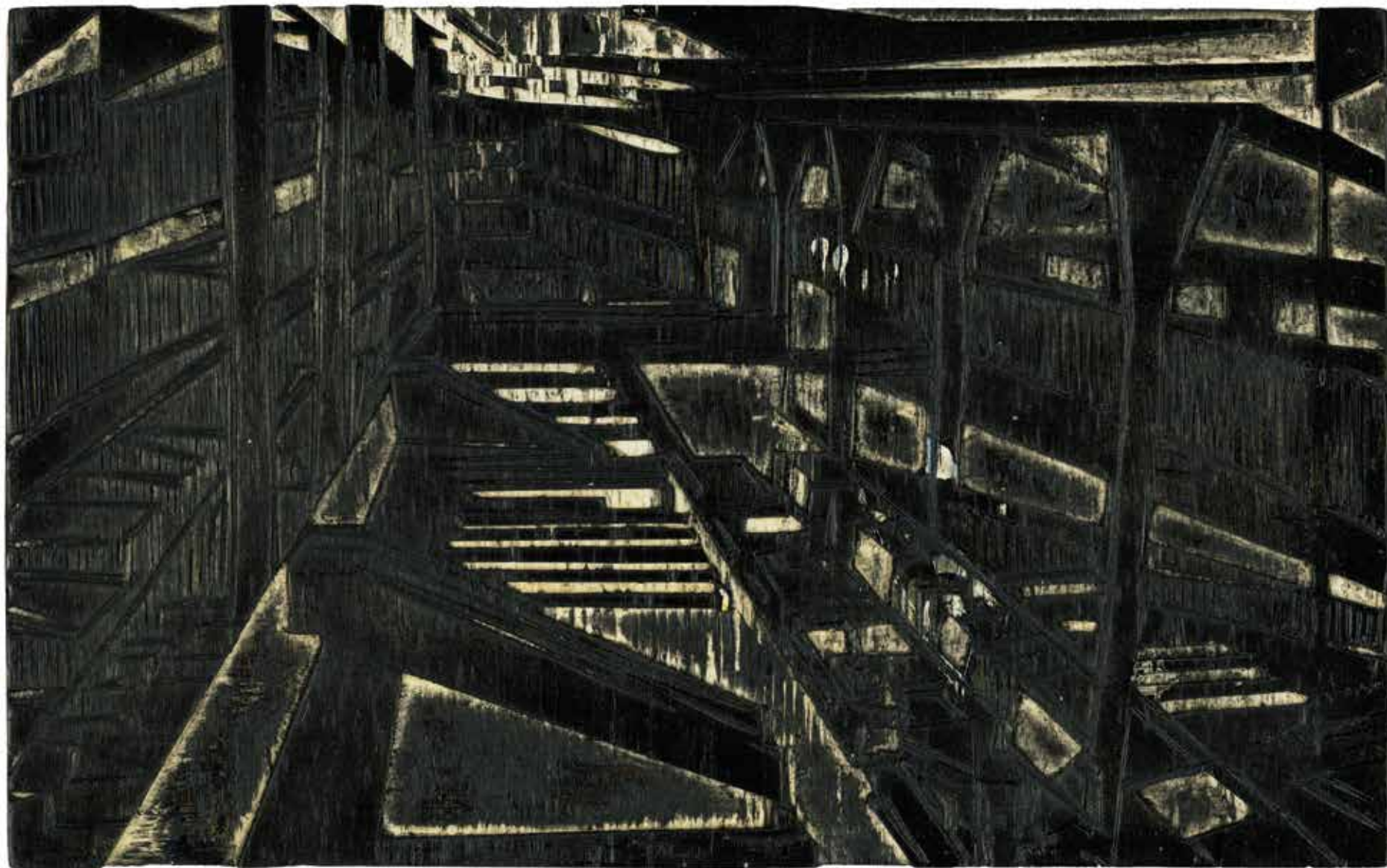
Passado e futuro aparecem sintetizados no projeto arquitetônico: “um disco solar inclinado [...] simboliza o nascer do sol. Elemento que se reveste de um significado particular na mitologia egípcia. É a emergência do farol das ciências e do saber”, observa o diretor Ismail Serageldin. Mas o vínculo com o presente e com o futuro se inscreve na fachada principal do edifício, a qual evoca a imagem de um computador que se multiplica no espelho d’água. A parede colossal de granito, onde foram gravadas letras de 120 alfabetos, convida a refletir sobre o espírito cosmopolita que animou aquele antigo templo.

No interior, uma monumental sala de leitura foi desenhada para receber 2500 leitores, cujas mesas de estudos estão dispostas em diferentes níveis. O telhado de vidro e alumínio conforma uma cúpula com dimensões nada modestas,

de 160 metros de diâmetro reclinado, que parece em parte enterrado no solo. No subsolo, a área de reserva foi planejada para acomodar oito milhões de volumes. Salas complementares guardam coleções especiais: de literatura infantil para crianças de seis a onze anos; de literatura juvenil (onze a dezessete anos); de material multimídia; e uma biblioteca para deficientes visuais. A coleção de pinturas e esculturas é notável e se distribui em quatro seções: o Museu de Antiguidades, o Museu de Manuscritos, o Museu de Sadat e o Museu da Ciência. A edificação abriga um planetário, laboratórios e auditórios.

Após a primeira experiência de Alexandria, em 268 a.C., é preciso registrar as múltiplas revoluções vivenciadas pelos meios de comunicação: após a fixação da escrita (em detrimento do oral), os antigos volumes deram lugar aos códices modernos. Diante da acumulação de mais de dois mil anos de escrita, entre manuscritos e impressos, uma nova ordem das bibliotecas se manifesta no novo milênio: a dos espaços multifuncionais. Assim, o modelo da nova Alexandria acena para uma tendência observada com maior ou menor intensidade nos projetos arquitetônicos das bibliotecas contemporâneas, o que faz do livro apenas um dos componentes de uma infosfera atordoante.





B. de ALEXANDRIA - EGITO

14-12-
2016



SALT LAKE CITY PUBLIC LIBRARY, 2003

Salt Lake City, Utah, Estados Unidos
PROJETO Moshe Safdie and Associates; VCBO Architecture

A história da Biblioteca de Salt Lake City remonta aos anos de 1900, quando se inaugurou seu primeiro edifício, no centro da cidade, graças às doações de John Quackenbos Packard. Como sói acontecer com as bibliotecas ao final de algumas décadas, o espaço se tornou exíguo e o acervo precisou ser transferido para novas acomodações em 1962.

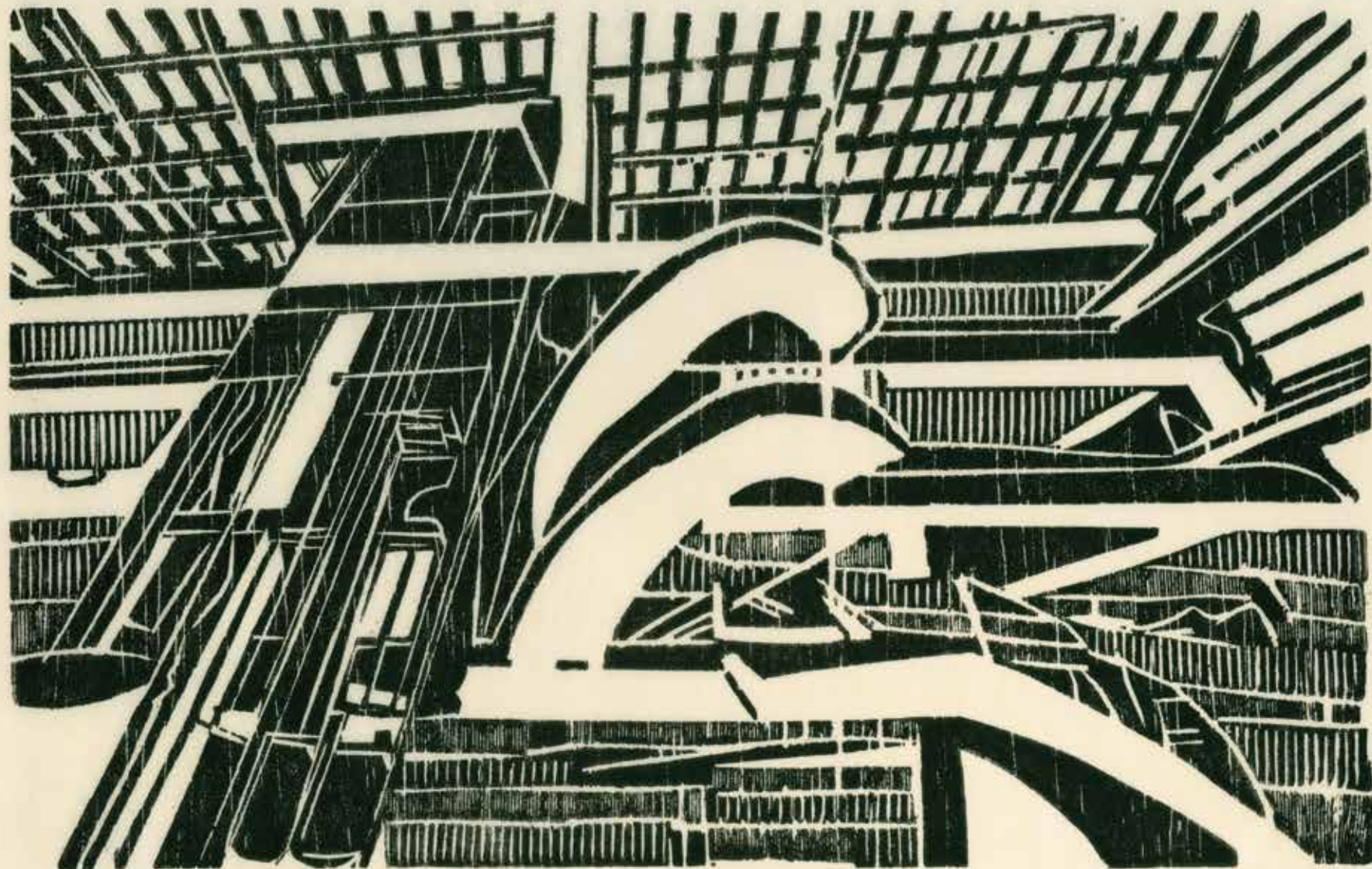
Em 1994, uma catástrofe mudaria o destino dessa instituição: um homem armado tomou vários reféns no auditório. Ao cabo de seis horas eles foram libertados, mas o autor do crime não sobreviveu à investida da SWAT. Tal fato, somado ao esgotamento do antigo edifício, deixou uma mácula no local. Era chegado o momento de se preparar uma nova sede.

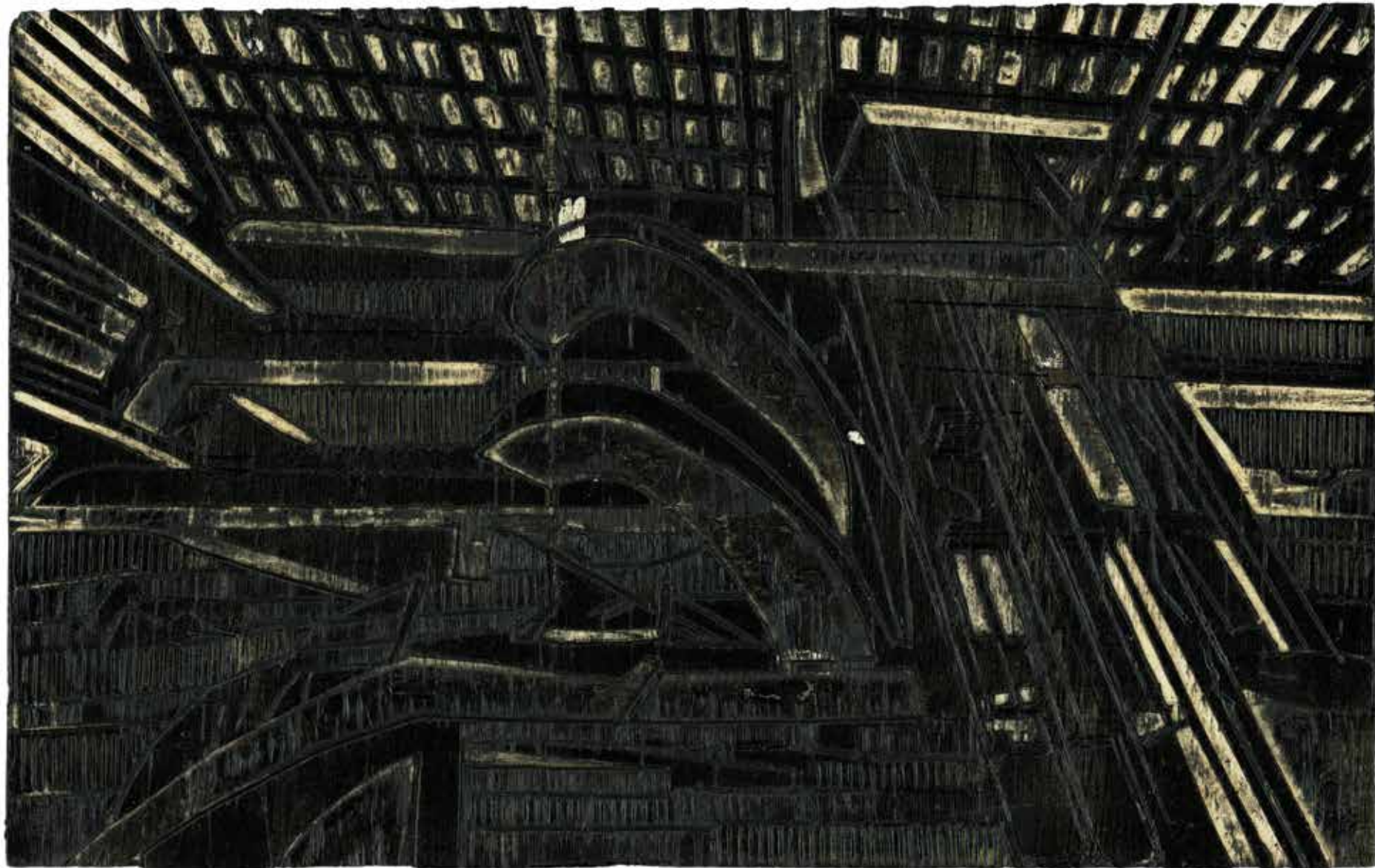
A sede da Salt Lake City Library, inaugurada em 2003, ocupa uma área de 22 mil metros quadrados, distribuídos em cinco andares de um edifício em forma de cunha. O arquiteto trabalhara, antes, nas linhas da Biblioteca do centro de Vancouver, o que torna ambos os projetos muito familiares. A entrada principal se abre para a Urban Room, ou seja, um imenso *hall* iluminado, que remete a uma alameda. Os cinco andares se distribuem sob a forma de galerias envidraçadas,

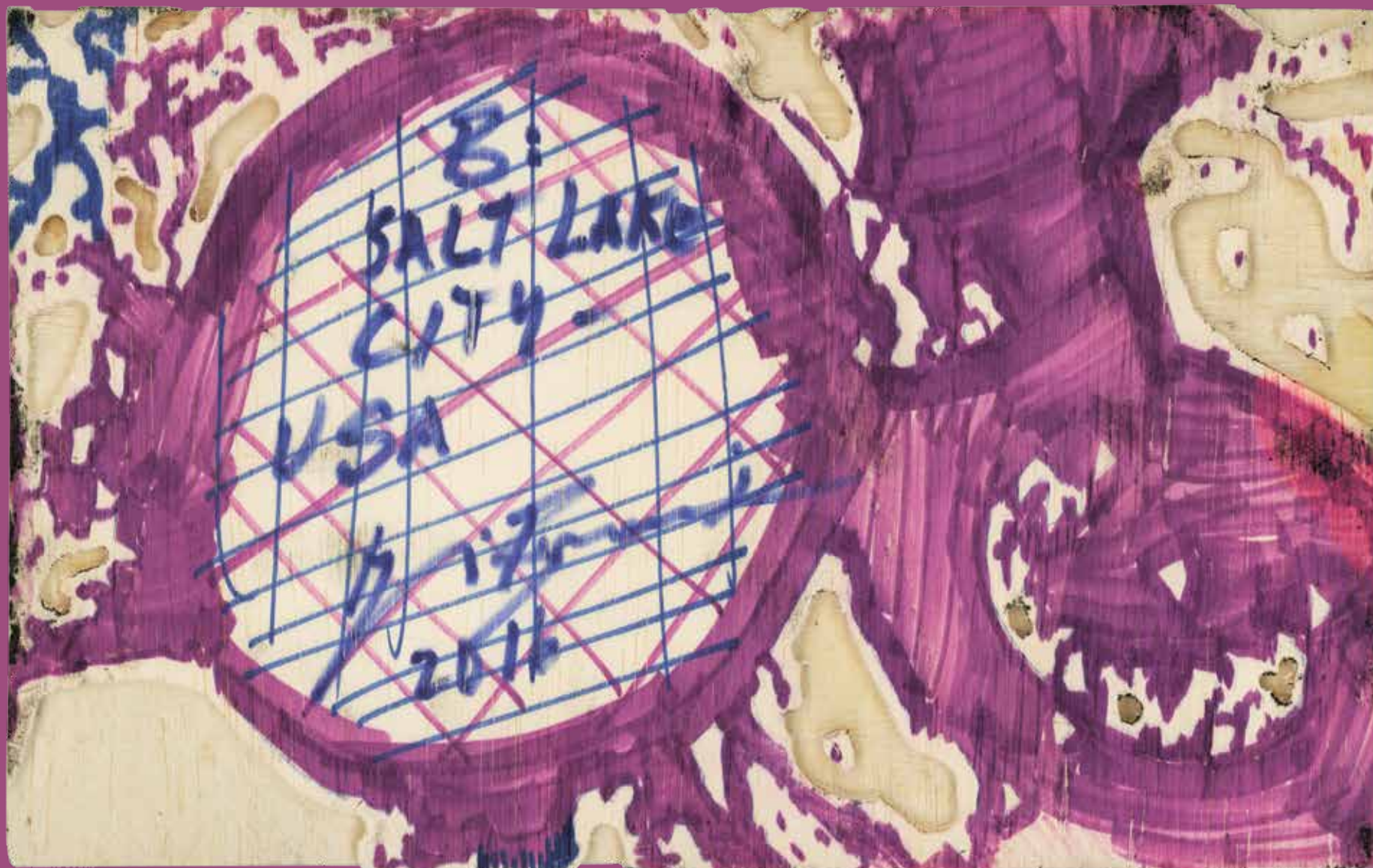
permitindo que todas as dependências do edifício sejam guarnecidas por luz natural. Um jardim no telhado encerra a estrutura, com suas árvores, seu gramado e suas flores.

A biblioteca possui cerca de quinhentos mil livros, além de garantir a assinatura de sessenta títulos de periódicos e o funcionamento de 163 computadores conectados à internet. Mas o edifício oferece uma gama muito original de coleções: há uma biblioteca infantil; uma das maiores, senão, a maior coleção norte-americana de *comics*; e um acervo de mais de 1 500 títulos de cordéis.

Seguindo o modelo criado pela New York Library, a Biblioteca de Salt Lake City se destina a pesquisadores, mas também dá acesso a coleções circulantes. Além disso, ela comporta um sistema mais amplo de bibliotecas espalhadas em diferentes pontos da cidade: Anderson-Foothill Branch, Chapman Branch, Day-Riverside Branch, Glendale Branch, Marmalade Branch, Sprague Branch e Corinne & Jack Sweet Branch.







SEATTLE CENTRAL LIBRARY, 2004

Seattle, Washington, Estados Unidos
PROJETO Rem Koolhaas, Joshua Ramus

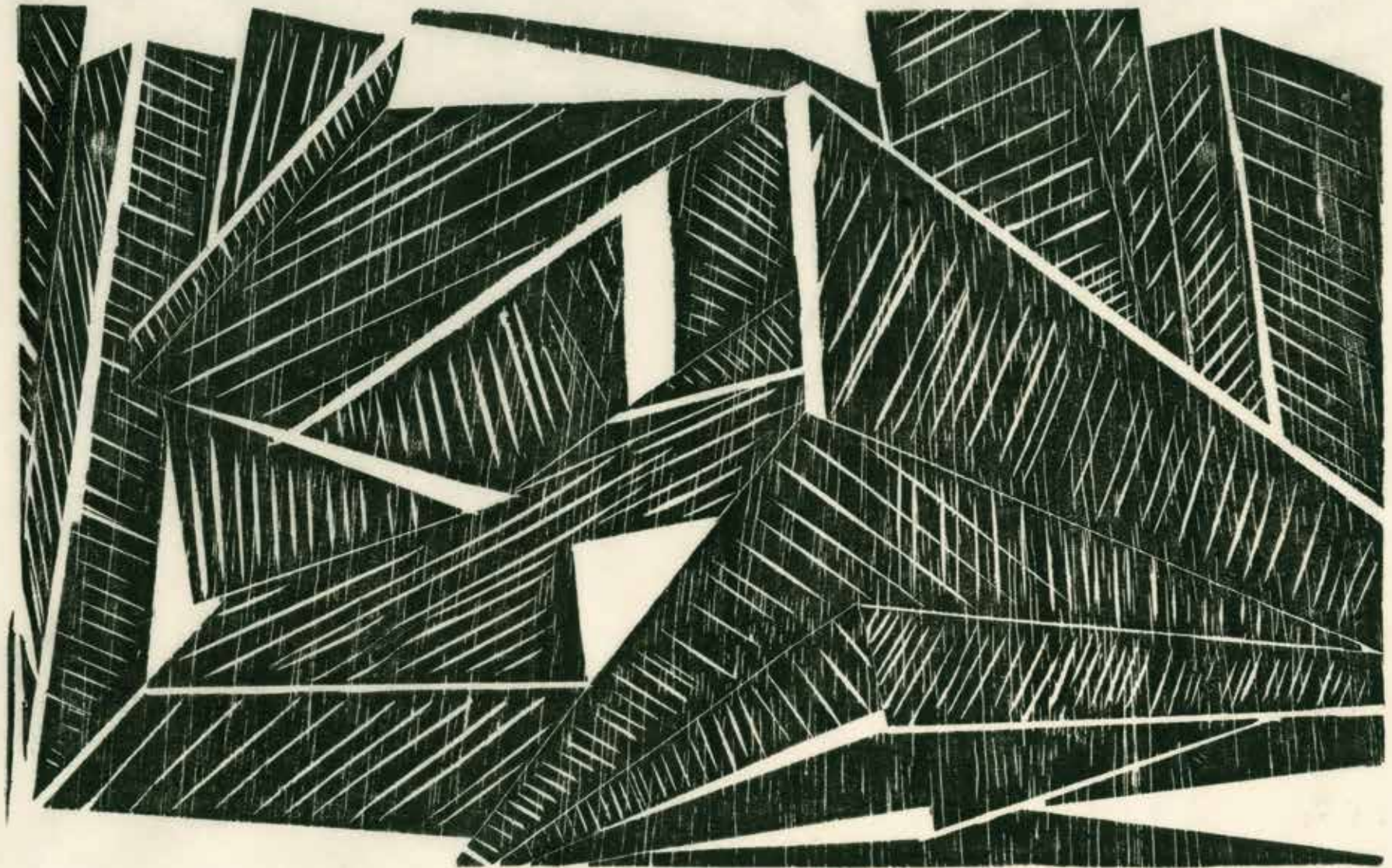
No *síte* da Seattle Central Library, a cidade aparece comprimida entre a Baía de Elliott e o Lago de Washington. Linhas demarcadas por pontos numéricos cortam a malha urbana em todas as direções, criando um sistema muito semelhante ao dos transportes públicos de qualquer cidade desenvolvida. Trata-se, no entanto, de uma demonstração eloquente do funcionamento de uma rede integrada (ou sistêmica) de bibliotecas da municipalidade.

A história da Seattle Public Library começa em 1890, quando o município toma para si o projeto de construção de uma biblioteca pública. Em 1901, o edifício que abrigava a coleção sofreu um incêndio, fato que acelerou a necessidade de mudança para uma nova sede. O projeto se tornou rapidamente viável após a doação milionária de Andrew Carnegie (1835-1919), célebre filantropo norte-americano que destinava parte de sua fortuna para a construção de bibliotecas e outras instituições culturais em todo o país. A sede foi inaugurada em 1905.

Novas mudanças foram necessárias ao longo do século, as quais acompanhavam a própria evolução do acervo.

Mas nenhuma edificação alcançara um partido arquitetônico tão arrojado quanto o da atual biblioteca, fundada em 2004.

Um edifício cristalino, de onze andares, com formas assimétricas e totalmente revestido de vidros espelhados, cobertos por malhas de aço, desponta na 4th Avenue de Seattle. O interior é dividido em quatro plataformas que orientam as seções da Biblioteca e permitem o amplo acesso da comunidade às suas instalações. A Biblioteca Central comporta salas de leitura destinadas às crianças, aos jovens e aos adultos. Exposições, concertos e conferências estão previstos em sua agenda diária. Além disso, a instituição oferece cursos de inglês para as comunidades estrangeiras, entre espanhóis, russos, chineses, vietnamitas, somalis e árabes.





BIBLIOTECA
CENTRAL DE
SEATTLE USA

[Signature]
2016

BIBLIOTECA NACIONAL DA CHINA, 2008

中國國家圖書館 (ZHONGGUÓ GUÓJIĀ TÚSHŪGUAN)

Pequim, China

PROJETO KSP Engel und Zimmermann Architects

A mais impressionante biblioteca construída no século XXI?

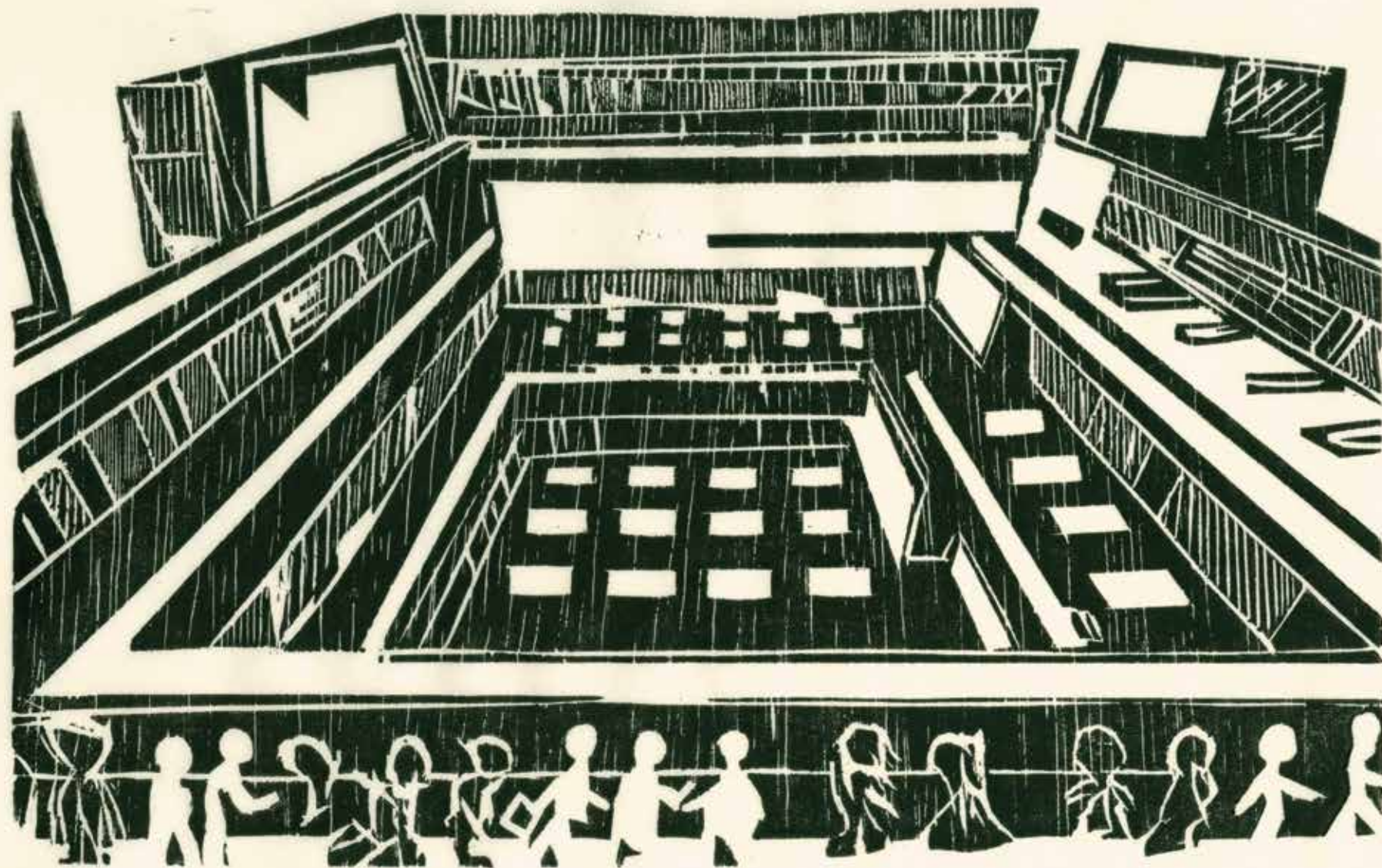
Sua origem remonta à Biblioteca Metropolitana (Jīngshī túshūguǎn, 京师图书馆), fundada em 1909 e franqueada ao público em 1912. Pela lei do depósito legal, de 1916, a instituição passou a receber todos os livros impressos na China e foi rebatizada como Biblioteca Nacional de Pequim.

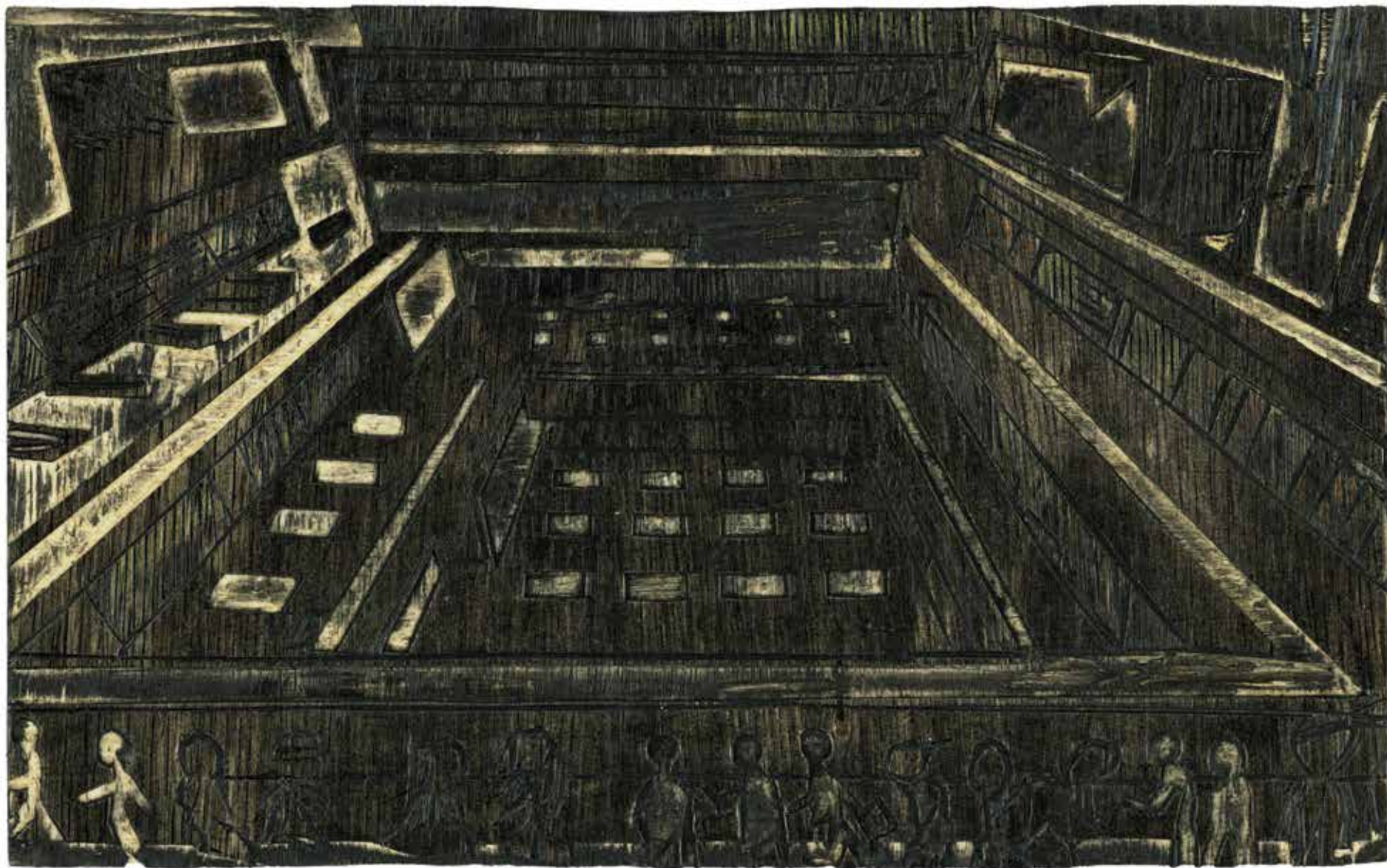
O edifício atual foi construído ao lado da antiga biblioteca, datada dos anos 1970. Nesse novo projeto, passado e futuro dialogam em um desenho arquitetônico industrial de notável elegância, para o qual foram mantidos elementos da tradição chinesa. A base, as colunas e o teto foram preservados segundo o estilo arquitetônico das construções oficiais, enquanto os dois níveis superiores evocam um livro apoiado por colunas inclinadas.

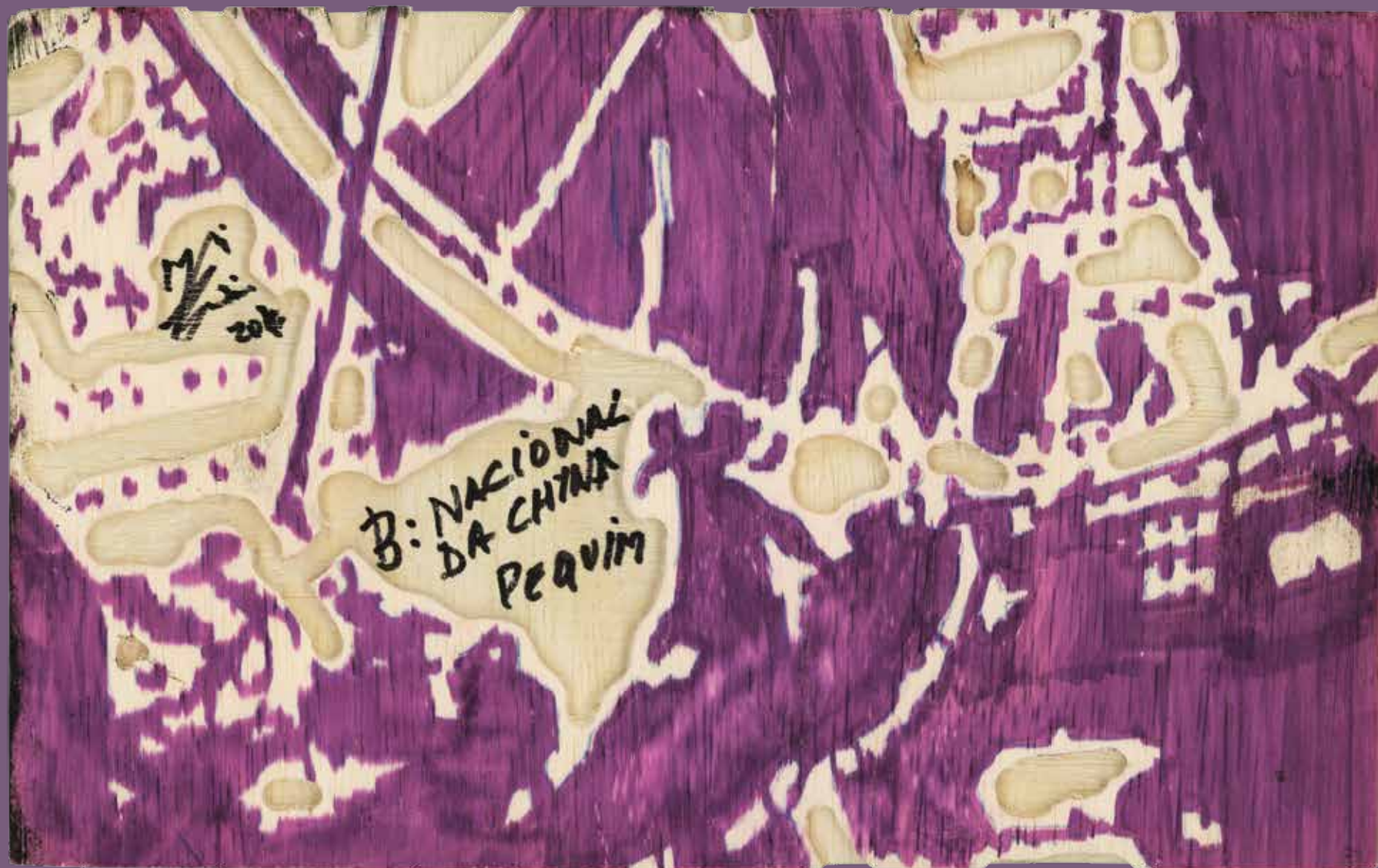
A sala de leitura principal foi planejada para acomodar 2 900 leitores. Ela conforma um grande pátio cercado por estantes de livros e escalonado em quatro níveis dispostos em *mise en abîme*. A luz natural é coada por um magnífico teto de aço e vidro.

O desenho da sala guarda um significado maior na cultura chinesa. As salas escalanodas giram ao redor do tesouro mais precioso da coleção, o *Siku Quanshu*. Trata-se de uma compilação preciosíssima e monumental de textos manuscritos, realizada nos tempos do imperador Qianlong (1711-1799). A edição *Wenjin ge* é um manuscrito escrito durante o reinado Qialong. Ela compreende 79 309 seções, distribuídas em 36 304 volumes, 6 144 caixas e 128 estantes. A coleção completa se divide em quatro seções: clássicos, histórias, mestres e belas-letas, cada uma delas representada pelas cores de uma das quatro estações. No nível mais baixo da sala de leitura, as paredes foram decoradas com reproduções desse manuscrito extraordinário. Uma de suas cópias remanescentes foi depositada no mesmo piso, em um cofre de cristal. Situa-se ali o coração da Biblioteca Nacional da China.

Mas a instituição olha para o futuro, sem perder de vista sua dupla missão: de um lado, a de guardar todos os livros produzidos na China; de outro, a de prover seus leitores com a maior coleção de livros ocidentais do país. No andar superior, ou “teto flutuante”, a Biblioteca se abre para a coleção digital e se conecta à modernidade.







STADTBIBLIOTHEK STUTTGART, 2011

Stuttgart, Alemanha
PROJETO Yi Architects

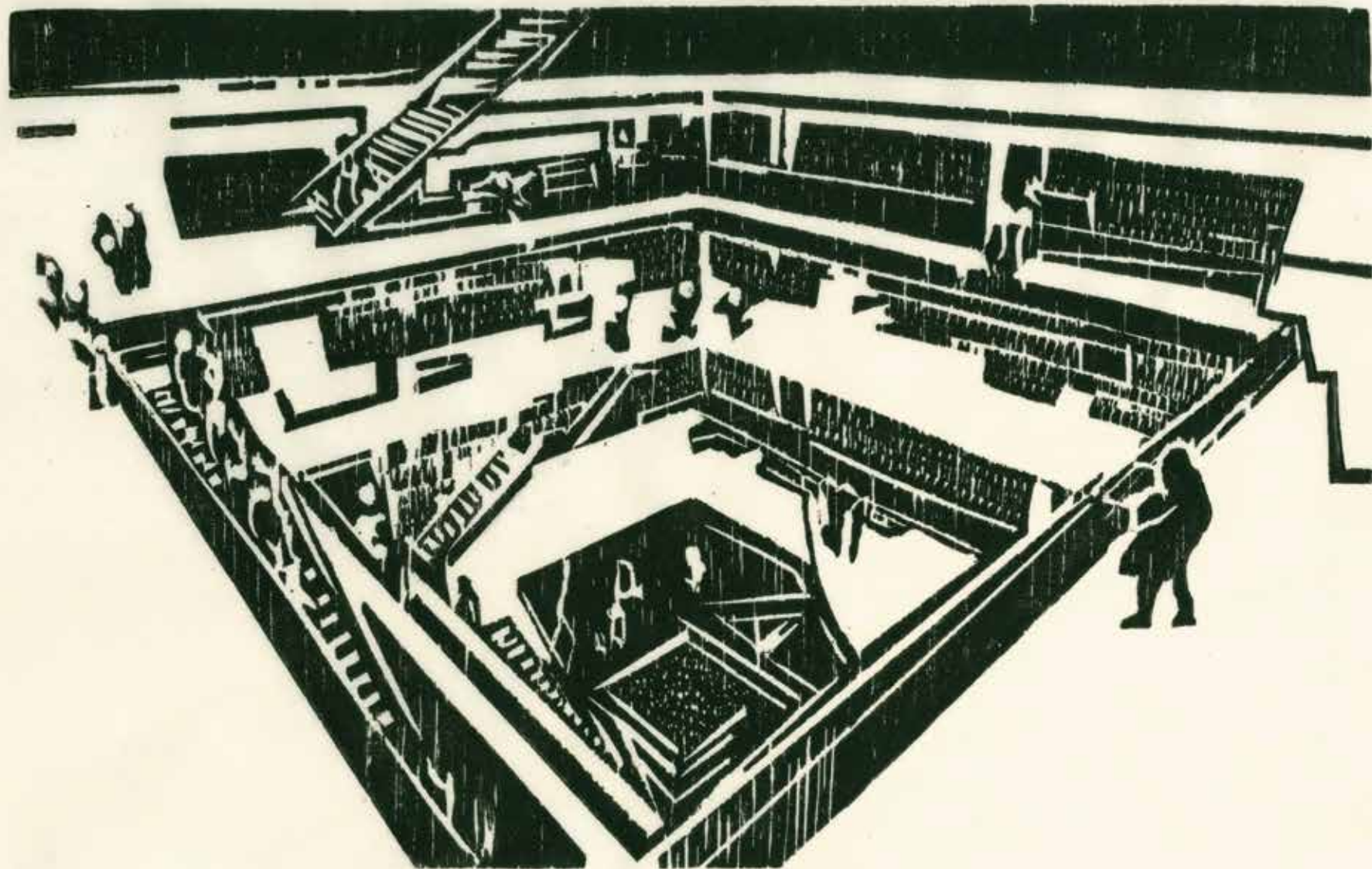
Um cubo branco, vazado por um teto de vidro e repartido em galerias, eis em poucas palavras a Biblioteca da cidade de Stuttgart. Edificada na Mailänder Platz, a área foi planejada para se tornar um novo centro urbano, tendo a Biblioteca como um marco topográfico. Os livros ocupam galerias nas laterais do prédio, as quais foram dispostas em cinco andares. No interior, a circulação se organiza em espirais iluminadas pelo teto de vidro.

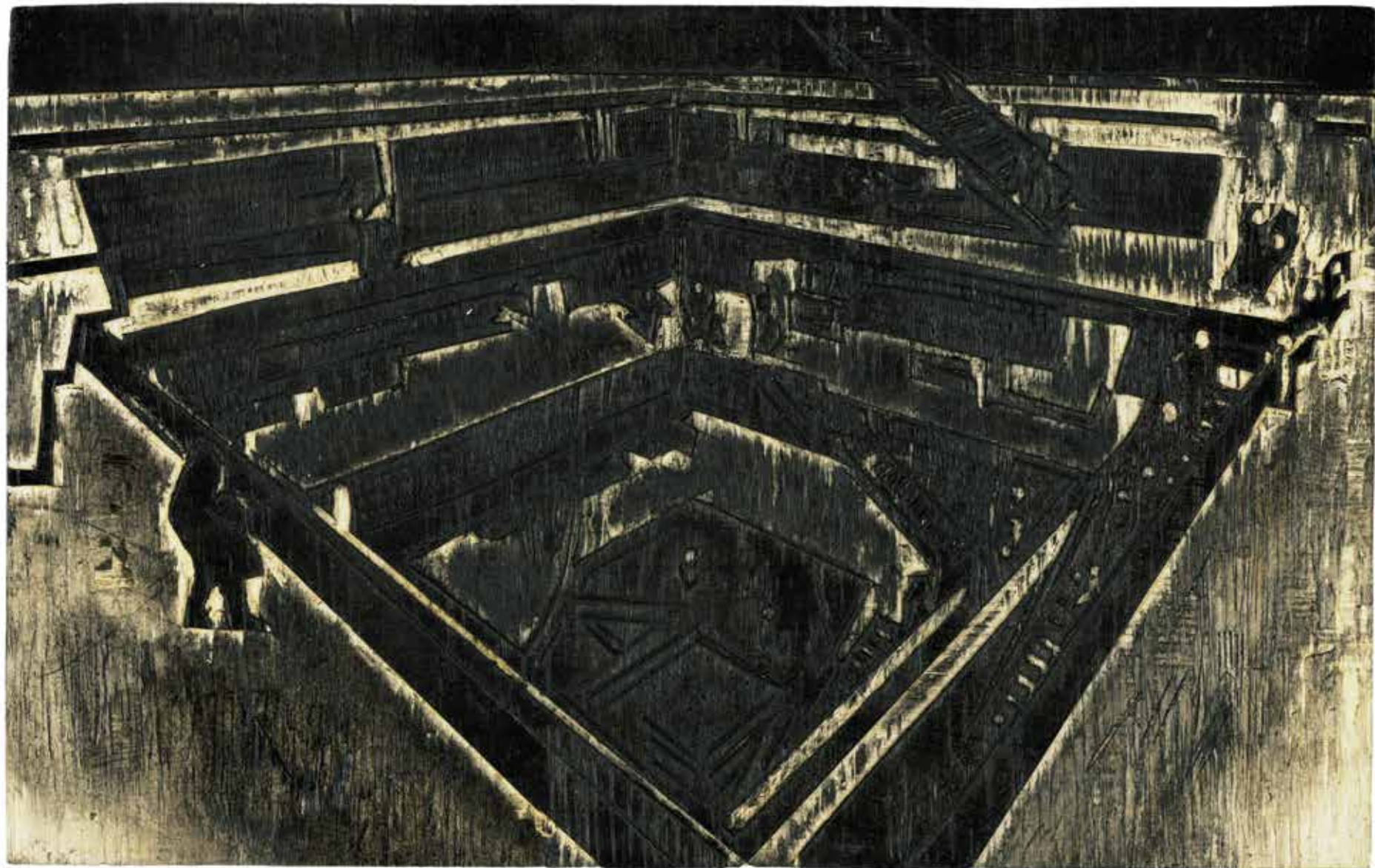
No coração do edifício, uma sala iluminada por luz natural simula um espaço arcaico, algo como o Partenon, mas também poderíamos imaginá-la como o antigo templo das musas (*Mouseïon*) onde eram depositados os volumes da Biblioteca de Alexandria, na Antiguidade. Há algo de ritualístico nesse espaço que se conecta com todos os andares do edifício pelo fio de luz que vem do teto.

Acima do coração, a sala de leitura principal se organiza em espiral desde o quarto andar. Novamente, passado e presente se articulam nesse verdadeiro *dé-dalo* inspirado no projeto algo fantasioso – e jamais realizado – de Étienne-Louis Boullée (1728-1799) para a Biblioteca Nacional da França. Espaços amplos, integrados, conformam linhas arquitetônicas puras, orientados pela linha da luz.

A Biblioteca Municipal se apresenta como um espaço destinado ao exercício da cidadania. Ela abre das nove da manhã às nove da noite. Há, ainda, serviços especiais noturnos, dentro do programa “biblioteca para insones”. Para integrar a população e conhecer suas expectativas, foi criado o livro *Os Muitos Lados da Biblioteca Municipal*, onde os moradores foram convidados a apresentar seus pontos de vista e a expor sua relação com o local. Muitas pessoas chegaram até mesmo a dizer que suas vidas teriam tomado um rumo diferente, não fosse a existência da Biblioteca. No planejamento do novo edifício essas vozes foram ouvidas.

Cinco seções temáticas se articulam com a sala de leitura principal da Biblioteca: “ponto de vista infantil” consiste em um espaço multimídia aberto a todas as idades, embora a temática seja principalmente infantil; a Biblioteca para Jovens oferece toda sorte de materiais para esse grupo etário; Studiolo é uma sala de estudos que fornece materiais especiais e recursos midiáticos; Spectrum guarda materiais de referência para diferentes áreas do conhecimento; e Cabinet constitui um pequeno auditório destinado a encontros de vária sorte.







BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN, 2013

São Paulo, Brasil

PROJETO Eduardo Riesemcampf de Almeida e Rodrigo Mindlin Loeb

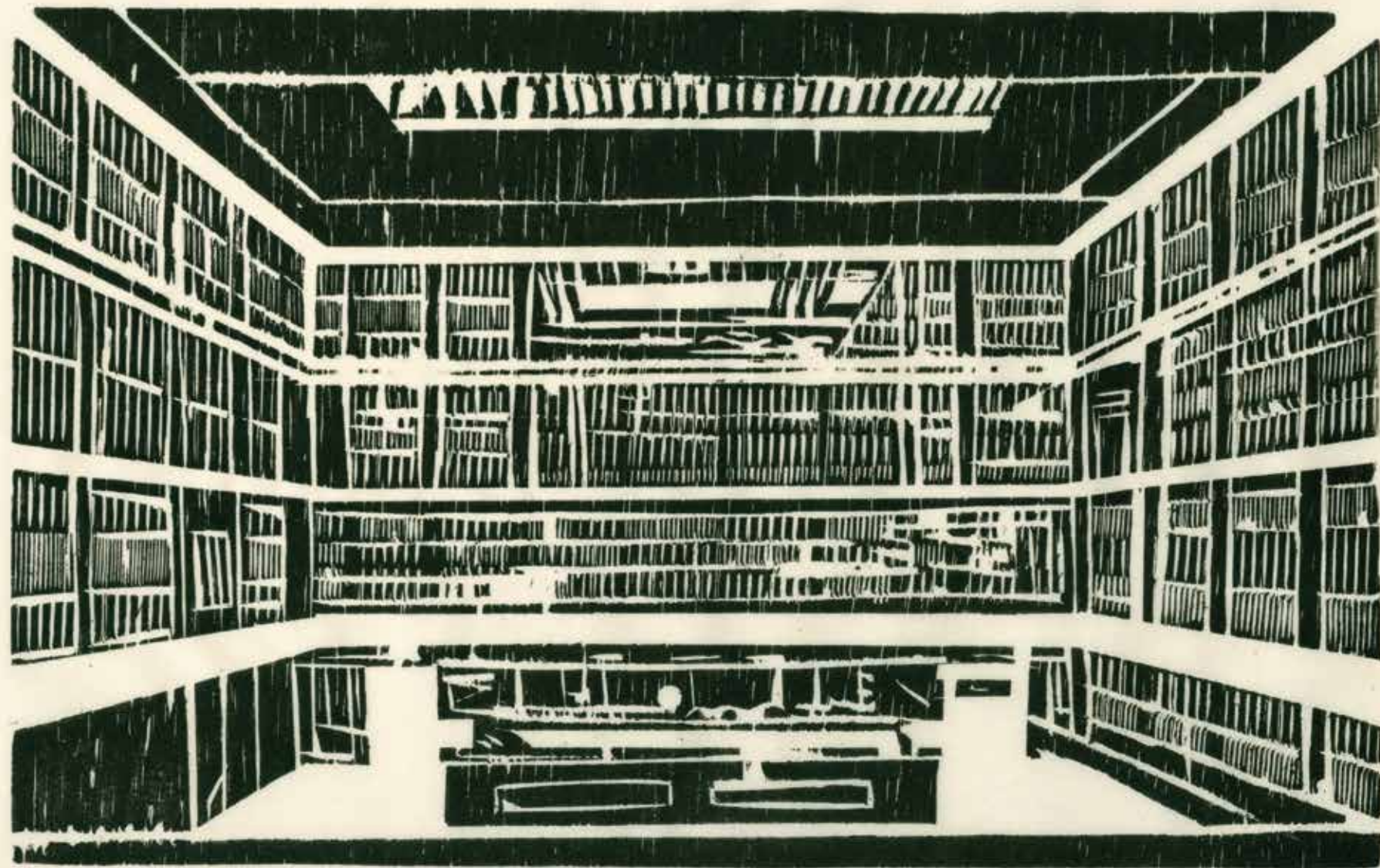
O projeto arquitetônico do que hoje se intitula Espaço Brasileira, da Universidade de São Paulo, foi concebido por Eduardo Riesemcampf de Almeida e Rodrigo Mindlin Loeb. Tomando o conjunto em toda a sua extensão, conclui-se que ele foi pensado como um espaço multifuncional que incorpora atividades didáticas e de vivência, pesquisa, conservação e exposição. Divide-se em duas grandes áreas: de um lado, o edifício da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Dividindo o terreno, as áreas de vivência, ou seja, a livraria, com uma sala de exposições no subsolo, a cafeteria no piso superior e, à frente, o grande auditório em círculo. Na outra porção, situa-se o Instituto de Estudos Brasileiros, centro de pesquisa e de ensino prestigioso, dotado de um importante arquivo de manuscritos e obras de arte brasileiros, além de outra não menos prestigiosa coleção brasileira.

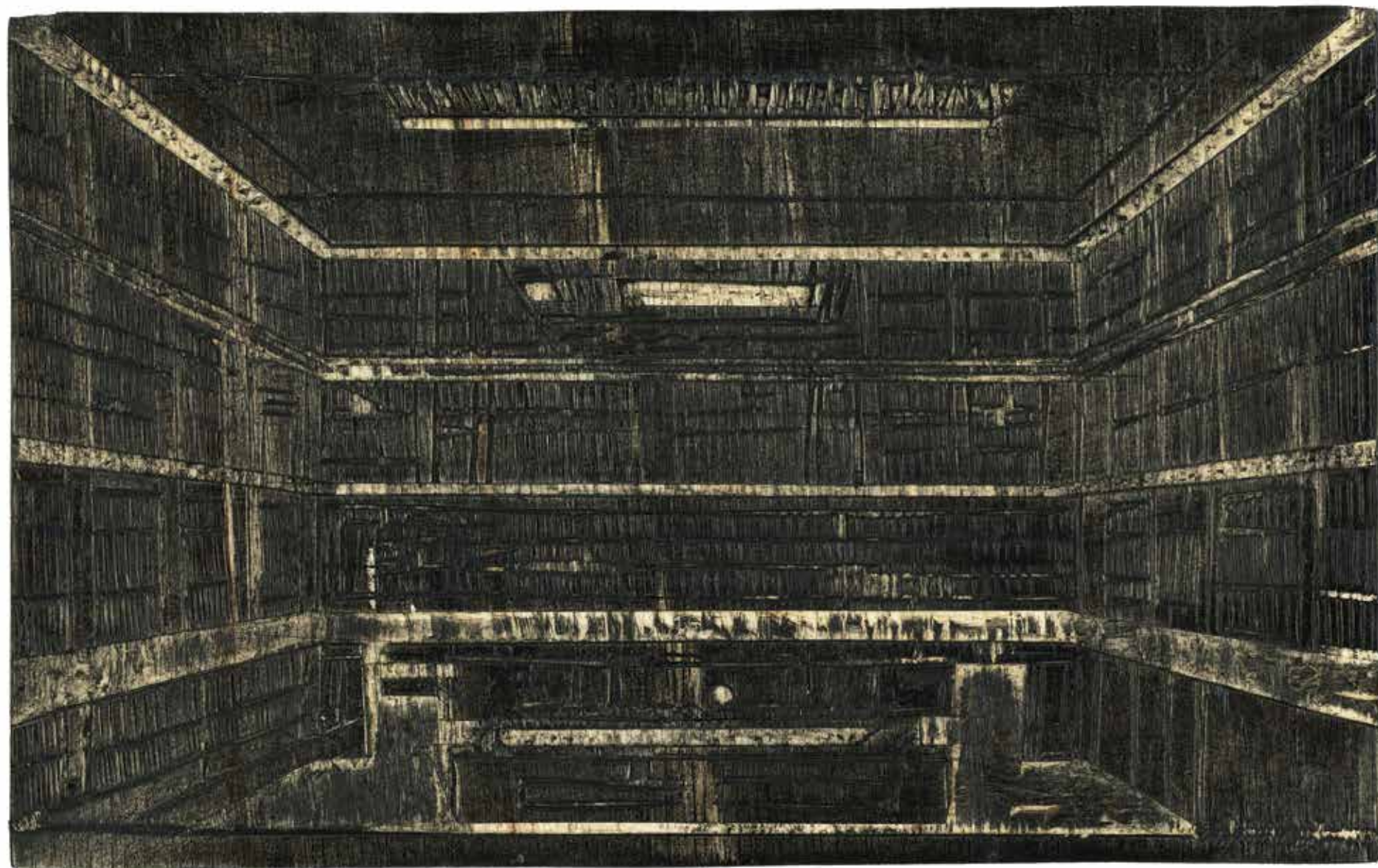
E se toda arquitetura constitui um fenômeno de transferência cultural a ser investigado, cumpre ressaltar que também os arquitetos brasileiros beberam nas fontes europeias e americanas. Dois projetos saltam aos olhos quando postos lado a lado com o edifício da Biblioteca Brasileira: a Phillips Exeter Academy Library (1965-1971), em New Hampshire (EUA) e a Beinecke Rare Book & Manuscript Library (1960-1963), da Universidade de Yale.

Nos dois exemplares os livros foram emoldurados entre vidro, aço e concreto, bem perto dos olhos, mas ao mesmo tempo inacessíveis, protegidos da luz solar, das variações do clima e da cobiça devoradora dos homens.

Na Biblioteca Brasileira os magazines de livros, bem ao gosto labrous-tiano, preenchem três andares encimados por um teto translúcido, coalhado por estruturas de aço. Nela, os livros desenham o espaço, devem estar presentes no desenho da Biblioteca, intensificando sua densidade atmosférica, visual, real e simbólica.

Essa história se inicia no jardim e na biblioteca do casal Guita (1916-2006) e José Mindlin (1914-2010). Talvez as antigas tertúlias na sala de estar e, depois, no conjunto anexo à casa da família Mindlin se aproxime bem da imagem do antigo museu alexandrino, onde o fim de tudo era a sociabilidade criada pela convivência com os livros. Onde a importância de se pensar a arquitetura, a leitura e os programas culturais de forma articulada, a fim de se preservar uma relação orgânica entre as partes e o todo. Nesse caso, o todo não é apenas uma biblioteca, mas um museu, no sentido original da palavra (do grego *Mouseion*, templo das musas), ou um complexo cultural, para usar um termo contemporâneo.





BRASILIANA
Biblioteca ^{Joel Myrdal}
USP - S. PAULO - BRASIL

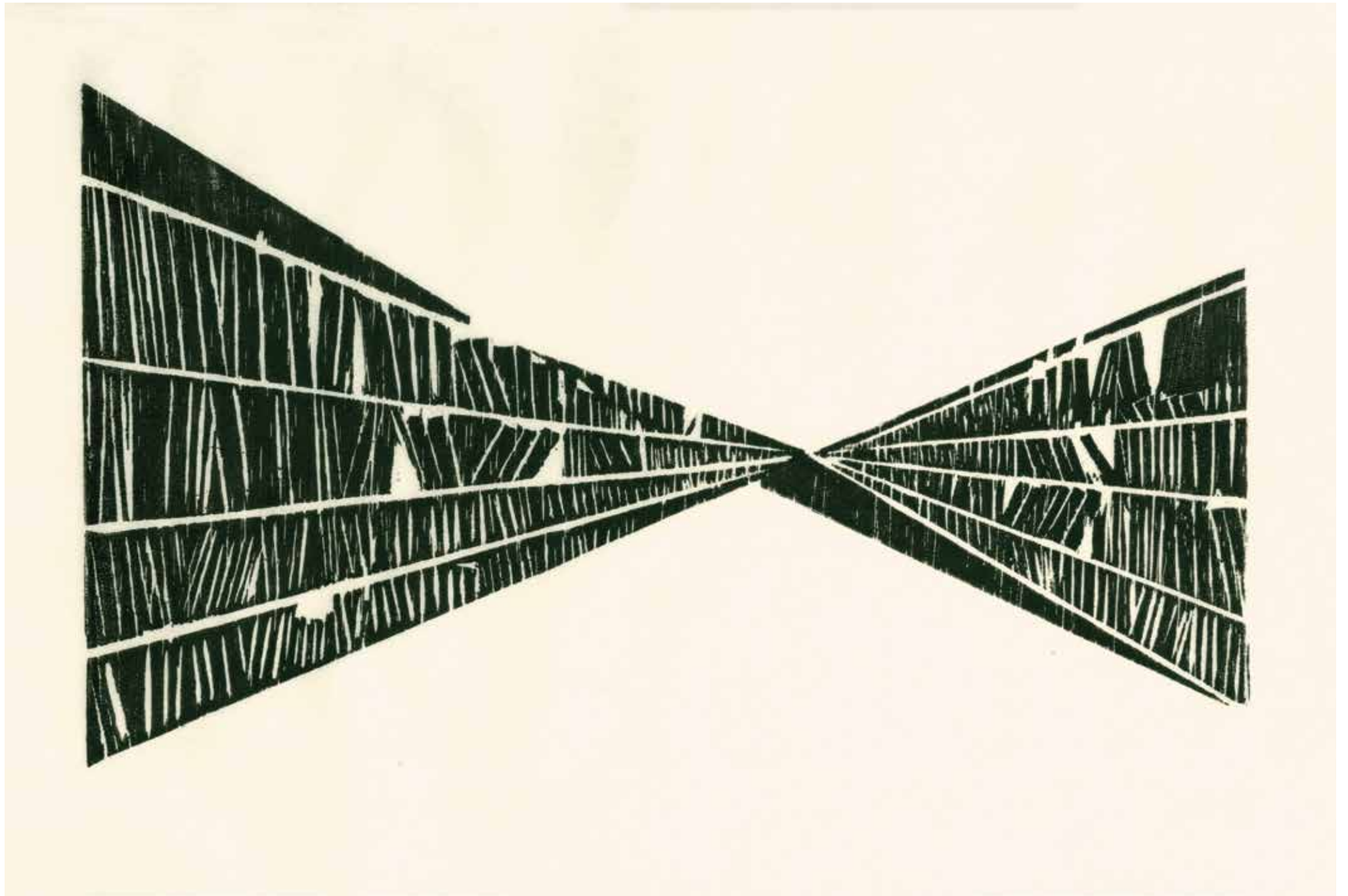
~~M. J.~~ 2016

BIBLIOTECA DE JORGE LUIS BORGES

“O universo (que outros chamam a Biblioteca) é composto de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no meio, cercados por balaustradas baixíssimas. De qualquer hexágono, veem-se os andares inferiores e superiores; interminavelmente. A distribuição das galerias é invariável. Vinte prateleiras, com cinco longas prateleiras por lado, cobrem todos os lados menos dois; sua altura, que é a dos andares, mal ultrapassa a de um bibliotecário normal. Uma das faces livres dá para um corredor apertado, que desemboca noutra galeria, idêntica à primeira e a todas. À esquerda e à direita

do corredor há dois gabinetes minúsculos. Um permite dormir em pé; o outro, satisfazer as necessidades físicas. Por aí passa a escada espiral, que se abisma e se eleva rumo ao mais remoto. No corredor há um espelho, que fielmente duplica as aparências. Os homens costumam inferir desse espelho que a Biblioteca não é infinita (se o fosse realmente, para que essa duplicação ilusória?); eu prefiro sonhar que as superfícies polidas figuram e prometem o infinito...”

JORGE LUIS BORGES, “A BIBLIOTECA DE BABEL” (1941), *FICÇÕES*,
TRAD. DAVI ARRIGUCCI JR., SÃO PAULO, COMPANHIA DAS LETRAS, 2007, P. 69.





Biblioteca
de J. L. Borges

4
Borges
2016



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A pesquisa sobre a história das Bibliotecas de Maria Bonomi esteve longe de ser exaustiva. No entanto, uma consulta ligeira aos livros e *sites* de bibliotecas nos fez concluir que a temática tem se desenvolvido sob diversos aspectos, particularmente no que toca à questão da arquitetura e do design.

No passado, era evidente a contribuição das bibliotecas para a recuperação da memória e da história das civilizações, o que se fazia pelo resgate de seus catálogos e de suas coleções. Essa perspectiva não se enfraqueceu, pelo contrário, os estudos bibliográficos continuam fundamentais para a história do livro, da leitura e das bibliotecas. Todavia, hoje se percebe que esses templos, adaptados ou erigidos especialmente para a guarda dos livros, têm muito a nos dizer sobre a memória e a história das civilizações.

Nesse sentido, as narrativas que ilustram os traços da artista buscaram lidar com essas duas vertentes analíticas: de um lado, a construção de saberes por meio de coleções não raro monumentais de manuscritos, impressos, mapas e objetos de vária sorte que se acumulam nas bibliotecas desde muitos séculos; de outro, o trato com a arquitetura e o *décor* das bibliotecas nos pareceu essencial, não apenas para esclarecer algumas linhas em evidência no claro-escuro das gravuras, mas, sobretudo, como testemunho dos recursos e das mentalidades de diferentes tempos, que foram sedimentando nos edifícios emoções, utopias e um desejo incontrolável de se fazer notar.

As referências bibliográficas assinaladas aqui refletem um esforço de síntese, ao mesmo tempo em que procuram esclarecer as matrizes utilizadas para a composição das histórias das bibliotecas.

- AMARAL, A. E. MAIA DO (coord.). *Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.
- BÁEZ, FERNANDO. *História Universal da Destruição dos Livros. Das Tábuas Sumérias à Guerra do Iraque*. Tradução de Léo Schlafman. Rio de Janeiro, Ediouro, 2006.
- BARATIN, MARC & JACOB, CHRISTIAN (dir.). *O Poder das Bibliotecas. A Memória dos Livros no Ocidente*. Tradução de Marcela Mortara. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2006.
- BARBIER, FRÉDÉRIC. *Histoire des Bibliothèques*. D'Alexandrie aux Bibliothèques Virtuelles. Paris, Armand Colin, 2013.
- _____; DUBOIS, THIERRY & SORDET, YANN. *De l'Argile aux Nuages. Une Archéologie des Catalogues (II^e millénaire av. J. C. – XXI^e siècle)*. Paris, Éditions des Cendres, 2015.
- _____; DE PASQUALE, ANDREA & MONOK, ISTVÁN. *Bibliothèques. Décors (XVII^e – XIX^e siècle)*. Paris, Éditions des Cendres, 2016.
- BATTLES, MATTHEW. *A Conturbada História das Bibliotecas*. Tradução de João Vergílio Gallerani Cuter. São Paulo, Planeta do Brasil, 2003.
- Bertrand, Anne-Marie. *Bibliothèque Publique et Public Library: Essai de Généalogie Comparée*. Lyon, Presses de l'Enssib, 2010.
- _____; & KUPIEC, ANNE. *Ouvrages et Volumes. Architecture et Bibliothèques*. Avec la collaboration de Joseph Belmont, Michel Melot, Daniel Payot. Paris, Editions du Cercle de la Librairie, 1996.
- BIBLIOTECA Nacional, 200 Anos. Uma Defesa do Infinito*. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 2010.
- BIBLIOTHECA Universitatis. Acervo Bibliográfico da Universidade de São Paulo (Século XVII)*. São Paulo, Edusp / Imprensa Oficial, 2002, 2 vols.
- BORGES, JORGE LUIS. "A Biblioteca de Babel". *Ficções*. Tradução de Davi Arriguicci Jr. São Paulo, Companhia das Letras, 2007, pp. 69-79.
- CAMPBELL, JAMES W. P. & PRYCE, WILL. *A Biblioteca. Uma História Mundial*. Tradução de Thaís Rocha. São Paulo, Edições Sesc São Paulo, 2015.
- CANFORA, LUCIANO. *A Biblioteca Desaparecida. Histórias da Biblioteca de Alexandria*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- CARVALHO, GILBERTO VILAR DE. *Biografia da Biblioteca Nacional (1807-1990)*. Rio de Janeiro, Irradiação Cultural, 1994.
- DAWSON, ROBERT *et al.* *The Public Library. A Photographic Essay by Robert Dawson*. New York, Princeton Architectural Press, 2014.
- DE LAUBIER, GUILLAUME & BOSSER, JACQUES. *Bibliothèques Du Monde*. 2^e ed. Paris, Éditions de La Martinière, 2012.
- ERMAKOFF, GEORGE (org.). *Bibliotecas Brasileiras / Brazilian Libraries*. Ed. bilíngue. Rio de Janeiro, G. Ermakoff Casa Editorial, 2015.
- FEBVRE, LUCIEN & MARTIN, HENRI-JEAN. *O Aparecimento do Livro*. Tradução de Fulvia M. L. Moretto & Guacira Marcondes Machado. São Paulo, Edusp, 2017.
- INGEGNOLI, VITTORIO. "Origine dell'Ambrosiana: Lelio Buzzi e Fabio Mangone". *Arte Lombarda*, vol. 10, n. 2, 1965, pp. 103-106.
- KIM, CHIM. "A New National Library. The National Diet Library of Japan". *The Journal of Library History*, vol. 4, n. 3, pp. 225-238.
- LOEB, RODRIGO MINDLIN. "Um Sonho Quase Impossível". *Revista do Livro da Biblioteca Nacional*, n. 55, ano 19, Rio de Janeiro, 2015, pp. 25-37.
- MARTINS FILHO, PLINIO & GUINSBURG, JACÓ (orgs.). *A Loucura Mansa de José Mindlin*. São Paulo, Edusp, 2014.
- MELOT, MICHEL. *Mirabilia. Essai sur l'Inventaire Général du Patrimoine Culturel*. Paris, Éditions Gallimard, 2012.
- _____. *La Sagesse du Bibliothécaire*. Paris, L'Oeil Neuf, 2004.
- SERAGELDIN, ISMAIL. *Un Bâtiment de Repère. Réflexions sur l'Architecture de la Bibliotheca Alexandrina*. Alexandria, Bibliotheca Alexandrina, 2007.
- SVODOVÁ, MAHULENA (ed.). *New Library Buildings in Europe. Documentation 2016*. Praga, Vysoká škola chemicko-technologická v Praze Technická, 2016.









Copyright © Marisa Midori Deaecto & Maria Bonomi

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SERVIÇO
DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO DA BIBLIOTECA BRASILIANA
GUITA E JOSÉ MINDLIN (BBMUSP)**

D122b

Deaecto, Marisa Midori
As bibliotecas de Maria Bonomi / Marisa
Midori Deaecto. – São Paulo: Biblioteca
Brasiliana Guita e José Mindlin, 2017.
64 p.

ISBN: 978-85-6258-725-2

1. Biblioteca. 2. História. 3. Arquitetura.
I. Autor. II. Título.

CDD: 022.3

Direitos reservados à

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN – USP
Rua da Biblioteca, 21 | Cidade Universitária
São Paulo | 05508-065 | T. (11) 2648-0852

Printed in Brazil 2017 | Foi feito depósito legal

TÍTULO As Bibliotecas de Maria Bonomi
AUTOR Marisa Midori Deaecto

EDITOR Plinio Martins Filho

PROJETO GRÁFICO E PRODUÇÃO Gustavo Piqueira / Casa Rex

REVISÃO Plinio Martins Filho
Luiz Hideki Sakaguti

FORMATO 30 x 20 cm
TIPOGRAFIA Ringside
Chronicle Text
PAPEL Triplex Suzano 250 g/m²
Couché 150 g/m²
N.º DE PÁGINAS 64
TIRAGEM 1 000
IMPRESSÃO Lis Gráfica

COIMBRA

SETIM

VATICANO

ADMONTA STRA

AUSTRIA

STUTTGART

BRASILIANA

SAN SOVINO

MELH MONASTERY

MARYLAND

TEAR BODY

relece

B/B

WINE VINTAGE



AS BIBLIOTECAS
DE MARIA BONOMI

MARISA MIDORI DEACTO

BORGES

NEW YORK